

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

VINÍCIUS SANTOS REGINATO

JOGO DE TRANSIÇÃO NO RÁDIO:
RUPTURAS E CONTINUIDADES DO COMENTÁRIO ESPORTIVO
NO SALA DE REDAÇÃO

PORTO ALEGRE

2025

VINÍCIUS SANTOS REGINATO

JOGO DE TRANSIÇÃO NO RÁDIO:
RUPTURAS E CONTINUIDADES DO COMENTÁRIO ESPORTIVO
NO *SALA DE REDAÇÃO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Francisco Waterloo Radomsky

PORTO ALEGRE

2025

CIP - Catalogação na Publicação

Reginato, Vinicius Santos
JOGO DE TRANSIÇÃO NO RÁDIO: RUPTURAS E
CONTINUIDADES DO COMENTÁRIO ESPORTIVO NO SALA DE
REDAÇÃO / Vinicius Santos Reginato. -- 2025.
79 f.
Orientador: Guilherme Francisco Waterloo Radomsky.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2025.

1. Futebol. 2. Teoria dos campos. 3. Sala de
Redação. 4. Comentário Esportivo. I. Radomsky,
Guilherme Francisco Waterloo, orient. II. Título.

Vinícius Santos Reginato

JOGO DE TRANSIÇÃO NO RÁDIO:
RUPTURAS E CONTINUIDADES DO COMENTÁRIO ESPORTIVO NO *SALA DE
REDAÇÃO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em: Porto Alegre, 14 de janeiro de 2025

Resultado: A

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Guilherme Francisco Waterloo Radomsky (orientador)
Departamento de Sociologia (UFRGS)

Prof. Dr. Arlei Damo
Departamento de Antropologia Social (UFRGS)

Prof. Dr. Ênio Passiani
Departamento de Sociologia (UFRGS)

*Em memória do meu amigo Arlenson Ferreira,
flamenguista inveterado que encarava como dever
o envio de uma mensagem de “corneta” nas
vitórias perante o Grêmio.*

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão para as pessoas que de alguma forma participaram dessa longa trajetória que foi minha passagem pela Universidade. Primeiramente, agradecimentos eternos e exaustivos a minha família, que sempre se sacrificaram para me apoiar de todas as maneiras possíveis nas - não poucas - mudanças de rotas que fiz em minha vida, sendo a ideia de entrar no curso de Ciências Sociais como também na decisão de sair, para depois voltar novamente, sempre com o mesmo afínco e crença que o “sucesso” estaria onde eu quisesse de fato estar. Agradeço também a minha família por parte de mãe e pai, principalmente aos meus avôs Ibirá e José Carlos, e meu pai, Carlos Reginato, por inculcar em mim o amor pelo Grêmio e pela *cancha*, que se estendeu ao amor pelo futebol como esporte.

Do mesmo modo, agradeço imensamente a resiliência e paciência do meu orientador Guilherme Radomsky ao me acompanhar na jornada deste trabalho - e dos tantos outros que não ultrapassaram a barreira dos e-mails. Mesmo em momentos que me sentia em um labirinto, o que culminou algumas vezes em uma brusca troca de tema, o professor, como um guia, sempre com cordialidade me atendeu dando contribuições valiosas que trilharam o caminho para a realização do trabalho que aqui apresento.

Agradeço também aos meus queridos amigos de jogos do Grêmio: Cássio, Vitor Pavan, Lucas Pezat, Álvaro Guazzelli e meu pai Carlos Reginato pelos intensos debates futebolísticos e pelas problematizações sobre o que é dito nas jornadas esportivas que alimentaram as problemáticas que sustentam este trabalho. Longe do futebol, mas de forma pessoal, impossível não mencionar minha grande amiga Dauana Campos, que em uma conversa despreziosa sobre a vida em uma das tantas idas ao mercado na Praia do Rosa, me emprestou um pouco da sua grande sabedoria em um conselho que, embora pequeno, teve grande impacto em mim e serviu de motor para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho examina como a inserção das práticas e lógicas adjacentes do comentário esportivo contemporâneo nas opiniões emitidas pelos integrantes do programa *Sala de Redação*, da Rádio Gaúcha de Porto Alegre, pode estar a transformar os capitais valorizados nesse espaço. O objeto de estudo são os três programas transmitidos após a demissão do técnico do Internacional Eduardo Coudet, que se passou em 10 de julho de 2024, quando se travaram debates sobre os motivos que levaram à demissão do técnico nos aspectos do jogo e da gestão, além da avaliação da contratação do novo técnico a partir dos mesmos aspectos. Os métodos empregados foram a Análise Bibliográfica de Lakatos e Marconi (2003) para realizar a contextualização histórica e o referencial teórico e a Análise de Conteúdo de Bardin (2000) para operacionalizar as falas escolhidas como amostra. A proposta de periodização do comentário esportivo na rádio de Porto Alegre apresentada em Guimarães (2018) como caracterização das diferentes fases do comentário esportivo desde a popularização do rádio na cidade foi utilizada para perfilar os comentaristas do programa de acordo com as opiniões que emitiam. O balizador dessas ideias foram as características do comentarista contemporâneo apresentadas por Guimarães e Ferraretto (2016), que são (1) uso da análise de dados (2) aproximação com o campo do esporte e (3) uso de outros gêneros jornalísticos além do opinativo. Após o perfilamento, foi feita a inferência dos resultados à luz da teoria dos campos de Bourdieu para determinar se a presença das práticas do comentarista contemporâneo havia reorganizado os capitais valorizados naquele espaço. Confirmou-se que há rupturas parciais dos comentaristas em relação às fases passadas do comentário esportivo, principalmente na aproximação com o campo do esporte, o que permite concluir que o capital cultural advindo do campo do esporte tem ganho relevância.

Palavras-chave: Teoria dos Campos; Futebol; *Sala de Redação*; Comentário Esportivo.

ABSTRACT

This study examines how the incorporation of adjacent practices and logics of contemporary sports commentary into the opinions expressed by the members of the *Sala de Redação* program, broadcast by Rádio Gaúcha in Porto Alegre, may be transforming the valued forms of capital in this space. The object of study consists of three programs aired after the dismissal of Internacional coach Eduardo Coudet on July 10, 2024. These episodes featured debates about the reasons behind the coach's dismissal in terms of gameplay and management, as well as the evaluation of the new coach's hiring from the same perspectives. The methods employed were the Bibliographic Analysis of Lakatos and Marconi (2003) to conduct the historical contextualization and theoretical framework, and Bardin's (2000) Content Analysis to operationalize the selected speech samples. The periodization proposal for sports commentary on Porto Alegre radio presented by Guimarães (2018) was used to characterize the program's commentators according to the opinions they expressed. This profiling was guided by the characteristics of the contemporary sports commentator outlined by Guimarães and Ferraretto (2016): (1) the use of data analysis, (2) proximity to the field of sports, and (3) the use of journalistic genres other than opinion genre. After profiling, the results were inferred using Bourdieu's field theory to determine whether the presence of contemporary commentator practices had reorganized the efficient forms of capital in this space. It was confirmed that there are partial ruptures among the commentators regarding past phases of sports commentary, particularly in terms of proximity to the field of sports, allowing the conclusion that cultural capital derived from the field of sports has gained prominence.

Key Words: Field Theory; Football; *Sala de Redação*; Sports Commentary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dados sobre os passes trocados pelas equipes Grêmio e São Paulo.....	42
Figura 2: Software oferecido pelo Wyscout para análise tática e de desempenho.....	42
Figura 3: Mapa de calor dos times Grêmio e São Paulo.....	43
Figura 4: Fluxo de formação da opinião do jornalista de acordo com gêneros jornalísticos	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lista de valores notícia.....	32
Quadro 2 - Sites que oferecem serviços de coleta de dados (autoria própria).....	41
Quadro 3 - Glossário do comentário contemporâneo.....	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PROCESSOS METODOLÓGICOS	15
3. O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO	20
3.1. PRIMEIRO CONTATO ENTRE RÁDIO E FUTEBOL.....	20
3.2. O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO NO RIO GRANDE DO SUL: CAMINHO ATÉ O SALA	21
3.3. O SALA DE REDAÇÃO	24
3.4. OS INTEGRANTES DO SALA	26
4. O COMENTÁRIO ESPORTIVO	31
4.1. A FORMAÇÃO DA OPINIÃO JORNALÍSTICA	31
4.2. PERIODIZAÇÃO DO RÁDIO ESPORTIVO EM PORTO ALEGRE	33
4.3. A CRÔNICA ESPORTIVA	34
4.4. A FASE DO JORNALISMO ESPORTIVO	35
4.5. O COMENTÁRIO ESPORTIVO CONTEMPORÂNEO.....	37
4.5.1. A ANÁLISE DO JOGO BASEADA EM DADOS	39
4.5.2. FUTEBOL MODERNO: CONCEITO SOCIOLÓGICO	42
4.5.3. BOURDIEU E A NOÇÃO DE CAMPO: O SALA COMO ESPAÇO DE LUTAS SIMBÓLICAS.....	45
4.5.3.1. O CAMPO ESPORTIVO SOBRE O JORNALÍSTICO	49
4.5.4. A UTILIZAÇÃO DO GÊNERO INTERPRETATIVO	52
5. ANÁLISE DOS PROGRAMAS	54
5.1. PROGRAMA #1	54
5.1.1. GESTÃO	54
5.1.1.1 Análise baseada em dados.....	54
5.1.1.2 Aproximação com o campo do esporte	54
5.1.1.3 Utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo.....	57
5.1.2 JOGO.....	57
5.1.2.1 Análise do jogo baseada em dados.....	57
5.1.2.2 Aproximação com o campo do esporte	57
5.1.2.3 Utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo.....	59
5.2. PROGRAMA #2	59
5.2.1 GESTÃO	60
5.2.1.1 Análise baseada em dados.....	60
5.2.1.2 Aproximação com o campo do esporte	60
5.2.1.3 Utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo.....	62
5.2.2 JOGO.....	62
5.2.2.1 Análise do jogo baseada em dados.....	62
5.2.2.2 Aproximação com o campo do esporte	63
5.2.2.3 Utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo.....	64

5.3. PROGRAMA #3	65
5.3.1 GESTÃO	65
5.3.1.1 Análise de jogo baseada em dados:	65
5.3.1.2 Aproximação com o campo do esporte:	65
5.3.1.3 Utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo	67
5.3.2 JOGO.....	68
5.3.2.1 Análise do jogo baseada em dados.....	68
5.3.2.2 Aproximação com o campo do esporte:	68
5.3.2.3 Utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo:	70
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75

1. INTRODUÇÃO

Os programas chamados de mesa-redonda são um formato de programa de debates que se tornou bastante popular na mídia futebolística brasileira. Este tipo de programa geralmente é composto por um mediador e um pequeno número de comentaristas, que variam entre jornalistas especializados em futebol e profissionais do futebol, como ex-jogadores ou ex-treinadores que ingressaram no mundo midiático. O sistema de falas normalmente consiste em um revezamento para cada participante dar sua opinião sobre pautas previamente introduzidas pelo mediador, o que conseqüentemente evolui para um ambiente de debate entre os participantes.

Apesar dos programas no formato mesa-redonda serem objeto de pesquisas dentro da temática futebol e mídia, a maioria dos trabalhos se refere a programas televisivos do centro do país, com enfoque na sua dinâmica de falas e/entre imagens (Escher; Reis, 2012; Khalil, 2023) e nas tipificações de profissionais (Toledo, 2000), sem abordar as representações que são colocadas em disputa pelos debatedores na arena do debate. Ao mesmo passo, os trabalhos que abordam representações reverberadas nos meios de comunicação, além de focar em objetos específicos diversos, como a construção das diferentes representações sobre Garrincha (Massarani, 2018) e sobre técnicos da seleção (Helal, Mostaro, 2015), não tem como pano de fundo os ambientes dos debates de mesa-redonda. Tais trabalhos geralmente ocupam-se de matérias escritas em diferentes veículos de comunicação, geralmente jornais, em que a representação analisada é aparentemente final, única e isolada de outras opiniões de outros especialistas da emissora observada, portanto, fora de um ambiente de debate.

Um dos programas de debates esportivos estilo mesa-redonda mais tradicionais do Brasil é o *Sala de Redação*, da Rádio Gaúcha, que é transmitido no rádio de segunda a sexta das 13h00 às 15h00, na frequência FM, e atualmente também é transmitido no YouTube, com imagens ao vivo dos debatedores. O *Sala de Redação* ganhou notoriedade nacional e um papel de destaque entre os programas do rádio gaúcho por seus debates ácidos e a combinação de participantes de diferentes perfis, o que ajudou para que o programa se mantenha por mais de 50 anos no ar na maior rede de rádio do sul do Brasil. O caráter de produção discursiva sobre os jogos e o futebol em geral são imersos no universo masculino que é dominante no espaço comum do futebol e remetem a uma dinâmica de “jogo depois do jogo”, que também é uma marca compartilhada dos programas de mesa-redonda. Recentemente nota-se que as exposições

de alguns debatedores têm trazido ideias sobre o futebol que se diferenciam em relação aos outros integrantes e demonstram uma nova maneira de entender os *processos* do esporte. Estas novas ideias têm centralidade na racionalização do fazer futebol e alimenta pautas como a necessidade do entendimento detalhado sobre processos de gestão em um contexto de mercantilização do futebol, a valorização da ciência utilizada nas diferentes funções dos clubes e os impactos táticos dessas mudanças no jogo jogado. Não raro, esses debatedores utilizam certificações externas ao meio jornalístico e dos saberes adquiridos nestas como forma de distinção nos debates.

O conjunto dessas ideias ultrapassa o debate entre amadorismo *versus* profissionalismo, já presente há algum tempo no espaço midiático brasileiro (Helal; 1997; Mayor; Silva, 2021), e se aproxima do conceito de “*futebol moderno*” proposto por Silva (2022), que o entende como o produto da absorção do futebol pela lógica industrial capitalista, o que resultou na adoção da lógica de controle de produção e rendimento na maioria dos seus aspectos, principalmente na *gestão dos clubes* e no *jogo*. A proximidade de alguns comentaristas com essas pautas indica uma mudança nas abordagens em comparação a outros participantes do programa, que transmitem representações que demonstram distância dos processos tidos como “modernos”, o que por vezes gera conflitos que podem ser interpretados como confrontos entre representações diferentes sobre o futebol. Portanto, a proposta é avaliar a incidência dessas ideias e de que maneira ela pode estar afetando o debate no programa *Sala de Redação*. Para isso, foi utilizada a proposta de periodização de Guimarães e Ferraretto (2016) acerca das fases do comentário esportivo na rádio de Porto Alegre. A periodização consiste na contextualização do comentário esportivo em frente às mudanças no meio comunicativo. A proposta dos autores é separar o comentário esportivo em três períodos:

- a) da crônica esportiva, do início da década de 1950 até o início dos anos 1970;
- b) do jornalismo esportivo, cerca dos anos 1960 até o início do século 21;
- c) do jornalismo esportivo convergente, da segunda metade da década de 1990 até a atualidade.

As tipificações e as mudanças das características de uma fase para outra são importantes por trazerem consigo uma perspectiva histórica das transformações do comentário e, conseqüentemente, do comentarista. Tendo em vista as fases propostas do comentário esportivo, neste trabalho é utilizada a fase do “jornalismo esportivo convergente” para tipificar o perfil de comentarista que tem apresentado as formas de enxergar futebol alinhadas com o conceito de *futebol moderno* para o *Sala de Redação*, o que Guimarães (2018) chama de

comentarista contemporâneo. As características do comentarista contemporâneo foram as que balizaram a perfilação dos integrantes do *Sala*, conforme a metodologia do trabalho, que será explicada em seguida.

Colocadas as características do comentarista contemporâneo e suas diferenciações com as fases passadas, este trabalho se propôs a utilizar a noção de campo de Bourdieu (1996) para analisar as batalhas pela legitimação da construção de sentido em torno dos temas de futebol, ilustrados pelas diferentes características do fazer comentário. O campo, em Bourdieu, é entendido como um espaço social de lutas onde agentes disputam capitais valorizados limitados na busca pelas posições de dominação. Dentro dessa noção, foram pensadas as opiniões como *tomadas de posição* dentro do espaço social do *Sala de Redação*, circunscrito no campo do jornalismo esportivo, no sentido da busca por legitimação das suas novas lógicas sobre o futebol. É preciso ressaltar que o programa foi escolhido no sentido de ter uma representatividade forte no cenário do jornalismo esportivo gaúcho, e por isso pode estar ocorrendo em outros espaços que não foram listados nesse trabalho. Nesse sentido, este trabalho se propõe a medir a inserção das práticas do comentarista esportivo contemporâneo no *Sala de Redação* para analisar se tal inserção produz uma mudança nos capitais valorizados nesse espaço social. Para isso, serão descritos os programas escolhidos a serem analisados e, no decorrer da descrição, as falas dos comentaristas serão balizadas a partir das características dos comentaristas contemporâneos para medir a presença dessas práticas no programa. Por último, a análise da presença do comentário esportivo contemporâneo será analisada à luz do conceito de campo de Bourdieu para responder se a inserção das práticas do comentarista contemporâneo causa rupturas suficientes para reorganizar a distribuição de capitais valorizados nesse espaço social.

Para realizar estes objetivos de pesquisa, primeiramente foi feita uma análise bibliográfica a partir de Lakatos e Marconi (2003) dos trabalhos realizados nessa temática no sentido de apontar a construção histórica do rádio e teórica do fazer comentário esportivo. Para realizar as análises das falas, foi utilizado o método de Análise de Conteúdo de Bardin (2000). As análises consistem na categorização do material escolhido, na criação de códigos interiores a essas categorias e na interpretação a partir dos resultados. Para essa análise, foram escolhidos os três programas seguidos após a demissão do técnico do Internacional Eduardo Coudet. A escolha se deu pelos debates em torno do jogo e da gestão do clube que foram levantados à época. Nesse caso, foram escolhidos como categorias a (1) gestão e o (2) jogo, no sentido de englobar a maior parte das pautas recorrentes no programa e conseqüentemente ter o maior

número de opiniões dos integrantes. Em códigos, foram escolhidas as próprias características do comentarista contemporâneo citadas acima, para balizar as opiniões a partir da distância dessas características e assim determinar o quão próximo é o integrante do comentário contemporâneo. Tendo feito esses processos, nas considerações finais foi realizada a inferência sobre os dados coletados a partir da perspectiva de campo de Bourdieu.

2. PROCESSOS METODOLÓGICOS

Primeiramente, foi realizada uma necessária contextualização histórica do surgimento da rádio e da evolução do comentarista esportivo a partir de pesquisa e análise da bibliografia de acordo com Lakatos e Marconi (2003), no sentido de ter contato com o que já foi escrito dentro desses campos específicos e buscar os conhecimentos convenientes para sanar os objetivos desta pesquisa. Para isso, foram consultadas dissertações, livros, teses e outras fontes pertinentes. Os passos do método de análise biográfica das autoras consistem em:

- a) definição da pergunta e dos objetivos da pesquisa;
- b) localização das fontes pertinentes dentro do tema escolhido;
- c) organização dessas fontes a partir da relevância destas de acordo com os objetivos;
- d) leitura e transcrição dos dados coletados.

A contextualização implicou a apreensão das dinâmicas que participaram da criação e difusão da rádio no Brasil, de forma macro primeiro, para partir para o micro, que seria o desenvolvimento do radiojornalismo esportivo específico do Rio Grande do Sul e a consolidação do *Sala de Redação*. A partir da breve contextualização do desenvolvimento do radiojornalismo esportivo no Brasil e no Rio Grande do Sul, utilizou-se dos trabalhos de Guimarães e Ferraretto (2016) e Guimarães (2018) sobre a periodização do comentário esportivo em Porto Alegre, vital para esta pesquisa pela diferenciação clara entre os comentaristas de diferentes fases do desenvolvimento do rádio.

Tendo em vista as características de comentaristas de Porto Alegre propostas por Guimarães (2018), este trabalho se propõe a usar esta tipificação para analisar como a entrada das novas práticas do comentarista contemporâneo dentro do programa Sala de Redação pode estar reformulando os trunfos necessários para a prática de comentarista atualmente, de acordo com a teoria dos campos de Bourdieu (1996). Para isso, é necessário analisar se estas novas formas de comentar estão presentes no programa e se representam tomadas de espaço por meio de um movimento de *ruptura* com as práticas de outras fases, dando maior legitimação ao perfil de comentarista contemporâneo dentro deste espaço social. Serão analisadas as opiniões dadas nas falas dos integrantes dos programas selecionados a partir das características típicas de um comentarista contemporâneo para determinar se este perfil tem conquistado espaço significativo dentro do programa. No entanto, é preciso mencionar que neste trabalho as fases *não* são entendidas como perfis estanques e totalmente excludentes, mas como características

que se sobrepõem de maneira paulatina a outras de acordo com a mudança do contexto do fazer comentário esportivo. Portanto, é esperado que as práticas de uma fase sejam presentes em comentaristas de outra fase e não desapareçam completamente na passagem de uma fase a outra.

Foi escolhido o método de Análise de Conteúdo desenvolvido por Bardin (2000) para a realização das análises dos programas. Este método consiste na avaliação qualitativa de materiais ligados à comunicação, como matérias de jornais, discursos e entrevistas para buscar padrões nos conteúdos que podem ser interpretados de forma aprofundada com o intuito de explicitar os significados que ficam implícitos nesses discursos. O método é dividido em algumas etapas:

a) *Pré-análise*: Fase inicial em que o pesquisador se familiariza com o material a ser analisado, fazendo uma *leitura flutuante* do conteúdo e estabelecendo objetivos e categorias de análise;

b) *Exploração do material*: Consiste na organização e categorização dos dados, codificando o conteúdo em unidades de significado (palavras, frases, parágrafos), que são agrupadas em categorias temáticas.

c) *Tratamento dos resultados e interpretação*: Após a organização, os dados são analisados e interpretados, buscando-se padrões, relações ou temas.

A *pré-análise* é dividida em algumas partes. Primeiramente, se define o *corpus*, que é o material que será analisado. Neste trabalho, foram escolhidos os três programas após o dia da demissão do técnico do Internacional, Eduardo Coudet, que ocorreu no dia 10 de julho de 2024. Esse marco foi escolhido porque a demissão à época suscitou muitos debates quanto à gestão do clube, que vinha passando por maus momentos, quanto ao mau desempenho do time dentro de campo - e são estes tipos de debates que acabam mobilizando maior pluralidade de visões sobre o jogo. Nos programas serão analisadas as opiniões que refletem apenas pautas do Internacional para que as opiniões dos comentaristas tenham a mesma referência, o que delinea de forma mais clara as diferenças no fazer comentário esportivo.

O próximo passo é traçar as categorias de análise a partir da leitura flutuante, que é uma leitura inicial do material escolhido, se deixando levar pelas primeiras impressões e intuições que esse contato proporciona, direcionada pelos objetivos de pesquisa. Na tentativa de relacionar a tipificação dos comentaristas apresentada no referencial teórico com as pautas geralmente mais abordadas nos debates esportivos do *Sala de Redação*, foram escolhidas duas categorias de análise:

- *Gestão dos clubes*: entendidos como as avaliações sobre decisões tomadas pelos indivíduos que têm essas atribuições, assim como avaliações sobre *estruturas* e *processos* de gerência sobre o futebol;

- *Jogo*: o entendimento do que se passa dentro do campo, como as avaliações táticas dos times dentro de campo, sobre perfis de jogadores e comissão técnica e análise de desempenho;

A escolha destes temas se justifica pela maior cobertura dos temas relacionados ao futebol. Em Guimarães (2018), as características traçadas do comentarista contemporâneo se referem mais a comentários em relação ao jogo, porém em programas de mesa-redonda é comum a abordagem de questões sobre a gestão dos clubes. Para captar as visões mais amplas dos comentaristas sobre o futebol, é necessário ter em vista que a gestão será entendida como os processos que são instaurados e mantidos na busca de resultados no âmbito esportivo. Portanto, as opiniões emitidas pelos comentaristas sobre *processos* que remetem à gestão para obtenção de resultados futebolísticos, como por exemplo a valoração na opinião dos processos de avaliação interna do clube, principalmente no âmbito do desempenho, como na estrutura interna de departamentos ligados à fisiologia, mas também em alguns pontos na questão tática do futebol jogado que podem ser relacionadas à gestão, como *processos* da avaliação técnica interna do clube, serão levados em conta na análise como opiniões relacionadas à gestão do clube. Tendo isso em vista, é possível que nas falas estejam entremeados aspectos das duas categorias. Nesses casos será levado em conta o contexto do debate em vigência, assim como eventuais perguntas que as falas escolhidas possam estar respondendo.

Já na fase de *exploração do material* devem ser desenvolvidos códigos que guiarão a análise das categorias escolhidas. No caso deste trabalho, são indicadores que traduzem aspectos do comentário esportivo, portanto serão utilizados como códigos as características do comentarista contemporâneo desenvolvidas por Guimarães e Ferraretto (2016) para balizar a adesão ou não dos comentaristas a essas práticas:

- a) análise do jogo ou da gestão baseada em dados: utilização de dados no comentário;
- b) aproximação com o campo do esporte: uso de palavreado próprio do campo do esporte e avaliação baseada na visão técnico-científica do jogo;
- c) utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo: estrutura informativa do comentário própria do gênero interpretativo.

É preciso ter em vista que o programa *Sala de Redação* possui um histórico de viés tradicionalista no tocante aos seus integrantes, sendo reconhecido como um espaço onde

predominam comentaristas que frequentemente utilizam abordagens características de fases anteriores do comentário esportivo. Isso pode resultar em uma significativa presença de falas que não correspondem aos códigos de análise baseados nas características dos comentaristas contemporâneos que foram escolhidos para este trabalho. Portanto, para compreender o programa como um todo e atender ao objetivo de verificar a disputa por legitimidade entre os comentaristas de diferentes fases do comentário esportivo, é preciso analisar também as falas que se encaixam nas outras fases do comentário esportivo dentro das categorias de análise (*gestão dos clubes e jogo*), porém as relacionando com os códigos apresentados para verificar se encaixam ou não dentro da fase atual. Será analisada uma fala (se houver) de cada comentarista em cada comentarista dentro das categorias selecionadas. A apreensão destes posicionamentos pode representar uma análise mais profunda dos conflitos de sentido dentro desse espaço social. Para isso, algumas métricas serão utilizadas para melhor visualização das opiniões sobre os códigos citados anteriormente. Serão elas:

- Presença e/ou ausência do item no discurso do debatedor;
- frequência com que tal assunto é abordado;
- se existir, posição do debatedor em relação a tal critério (positivo/negativo);

Após a coleta desses dados, na parte do *tratamento dos resultados e interpretação*, será feita a inferência sobre os dados coletados, que é a interpretação e entrecruzamento dos dados para dotá-los de sentido à luz dos referenciais teóricos escolhidos. Nesse sentido, será determinado:

a) A presença do comentário esportivo contemporâneo no programa Sala de Redação: analisar se as características dos comentaristas contemporâneos, conforme definidas por Guimarães (2018), estão presentes nas falas dos participantes do programa.

b) se a entrada das novas práticas do comentarista contemporâneo está reformulando os capitais legítimos no campo do comentário esportivo e como essas práticas podem estar mudando as dinâmicas e as regras de legitimidade dentro do espaço do comentário esportivo.

O capítulo da análise será dividido entre os programas, e dentro de cada capítulo dois subcapítulos referentes às categorias *gestão e jogo*, respectivamente. Dentro dos subcapítulos, haverá itens que se referem aos códigos de análise propostos acima, em que serão apresentadas as análises das falas coletadas. Junto às falas que serão apresentadas será referenciado o nome do comentarista que foi analisado. Além disso, algumas das falas escolhidas possuem a interação com outro integrante do programa, no formato de diálogos, para que o sentido do que

é dito seja mantido na melhor clareza possível. As inferências sobre as análises serão apresentadas no capítulo de considerações finais do trabalho.

3. O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO

3.1. PRIMEIRO CONTATO ENTRE RÁDIO E FUTEBOL

O rádio foi trazido ao Brasil na década de 1920 e sua primeira transmissão foi um discurso do presidente da época, Epitácio Pessoa, ocorrida no Rio de Janeiro. Ainda que não haja consenso sobre o início exato da rádio na transmissão das partidas (Guimarães 2018, p. 45), sabe-se que a rádio esportiva difundiu-se junto com o futebol como esporte em meados dos anos 1930, quando ocorreram as primeiras transmissões de partidas completas. Desde então, o rádio transformou-se em um “companheiro” que alimenta o imaginário do torcedor durante e depois das partidas, traduzindo ao ouvinte o que ele não poderia ver ou interpretar.

Inicialmente o rádio era um artigo de luxo, o que condicionava sua programação. Os aparelhos eram importados da Europa ou dos Estados Unidos, já que não eram produzidos dentro do país. Nessa época, a distribuição de rádios era feita por concessões estatais no intuito de aquecer a disseminação desse novo meio de comunicação, mas a publicidade ainda não era vista como meio para angariar recursos para manter as estações funcionando -, e, para isso, foram criados os clubes de rádio. Os clubes consistiam em grupos de pessoas, geralmente de classe alta, que pagavam um valor mensal para ajudar nas despesas de funcionamento das estações. As programações consistiam na transmissão de óperas e se comunicavam com linguagem rebuscada, o que denotava uma preocupação em se conectar com as elites que possuíam o aparelho e mantinham os canais funcionando (Nobre, 2003). Junto a isso, o fato de as estações de rádio serem privadas era um fator determinante para a natureza das programações, já que “passa a ser explorado pela iniciativa privada como meio de propagação mercadológica e suas concessões feitas sobre critérios comerciais, reduzindo a participação cultural do rádio perante a sociedade brasileira.” (Crepaldi, 2009, p. 55). No início da década de 30, o governo regula as publicidades nas rádios para que o sistema de financiamento privado seja superado e permita a autossustentação das estações, de maneira a onerar o ouvinte. Esse movimento surgiu da preocupação do governo com a “função cívica” que o novo meio de comunicação poderia oferecer.

Logo o rádio se tornou um meio de comunicação de massa e as programações tiveram maior apelo para as camadas populares. Em uma época em que o Brasil tinha altos índices de analfabetismo e o maior meio de comunicação era o jornal, o rádio passou a ser uma alternativa para os cidadãos que não eram contemplados pela mídia escrita. Sendo assim, os programas de natureza erudita e “educativa” foram dando espaço para programações musicais, programas

mais leves e de entretenimento no sentido de atrair o grande público. Importante salientar que nesse contexto a necessidade de publicidade foi crescendo pelo também crescimento da economia brasileira. O aquecimento da economia interna pela entrada de empresas estrangeiras e a importação de bens fez com que a concorrência por novos clientes tenha aumentado, e assim a procura por meios para cativá-los.

Ao mesmo passo, o futebol já havia se popularizado no país conquistando diversos torcedores. O fato de o advento do rádio ter acontecido em consonância com a disseminação do futebol no Brasil tem grande importância para a construção da ideia de esporte junto ao ouvinte. O rádio já transmitia os jogos desde antes da profissionalização do futebol (Almeida, 2012), o que o torna um dos grandes responsáveis pela popularidade do esporte. Do mesmo modo, o futebol também teve papel importante na popularização do rádio. Para Sodré (2003), a música e o futebol foram elementos importantes na popularização do rádio no país:

Futebol e música colocados pelo rádio junto às multidões e por elas consagrados constituíram, desde logo, além de tudo, na divisão do trabalho cada vez mais ampla e complexa que o capitalismo em desenvolvimento alimentava, no Brasil, espetáculos que permitiram notoriedade e enriquecimento a elementos oriundos de camadas populares, muitos deles provindo mesmo do proletariado (Sodré, 2003, p.111)

O contexto político da época é um pano de fundo importante para esse entrelaçamento entre o esporte e o rádio. A década de 30 foi marcada pela instauração do Estado Novo de Getúlio Vargas, que passou a ter uma relação corporativista com organizações no sentido de regularizar - no sentido de tornar legal - as atividades que tinham participação no mercado brasileiro, e uma delas foi a esportiva. Essa aproximação também tem como pano de fundo a ideia do governo de Getúlio criar - ou recriar - uma identidade nacional tipicamente brasileira, em que o esporte e o rádio teriam um importante papel.

Além disso, o conteúdo e formato das transmissões também tiveram impacto na consolidação da relação do ouvinte com o esporte. De acordo com Guimarães e Ferraretto (2016), os participantes das transmissões - narradores e comentaristas - tinham bastante proximidade com o campo jornalístico vigente na época, sendo em sua maioria de jornalistas da mídia escrita que passaram a também participar na rádio.

3.2. O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO NO RIO GRANDE DO SUL: CAMINHO ATÉ O SALA

A consolidação do rádio como meio de comunicação com o objetivo de gerar lucro aliado à sua proximidade com o esporte fizeram com que houvesse uma estruturação das suas

programações e profissionais que atuavam nas mesmas. As coberturas com sucesso de grandes eventos, como Copas do Mundo, foram determinantes para que novas estações de rádio surgissem e aumentassem a concorrência em relação à transmissão do futebol como produto. Dentro desse contexto são criadas estações de rádios em estados mais distantes dos maiores centros urbanos do país, onde as maiores e mais precursoras eram localizadas.

Mesmo que as primeiras rádios no Rio Grande do Sul tenham aparecido pouco tempo depois das primeiras instauradas nos grandes centros brasileiros, ainda eram em pouco número e careciam da estrutura das maiores rádios. Em Porto Alegre, a primeira transmissão esportiva partiu da Rádio Sociedade Gaúcha, em 1931, na qual foi transmitida uma partida entre Grêmio e a Seleção Paranaense de futebol, com narração de Ernani Ruschel (Dalpiaz, 2002, p.56). A década de 30 ficou marcada pela introdução da narração lance a lance na transmissão dos jogos. Antes o narrador se limitava a identificar o jogador que estava carregando a bola.

Na década de 40 havia ainda poucas rádios com programas esportivos no estado: a Rádio Farroupilha, Rádio Gaúcha e Rádio Difusora Porto Alegrense. Todas possuíam programação esportiva, porém o futebol não tinha ainda a proeminência que tem hoje. Outros esportes como o turfe e esportes olímpicos disputavam audiência com o futebol. Nessa época, a transmissão ainda não tinha a melhor estrutura, muito por conta da tecnologia da época, que não possibilitava a interação rápida entre os participantes que vemos hoje. A transmissão dos jogos era composta normalmente pelo narrador e o comentarista, tendo maior destaque para a figura do narrador. O papel do comentarista era similar ao que o repórter de campo faz na atualidade: falava com os jogadores que atuavam nas partidas e coletava informações para o narrador que estava comandando a transmissão. Sendo assim, os narradores tinham para si os microfones e dominavam a arte de modelar o imaginário do ouvinte com o improvisado característico daquela geração.

Os anos 50 foram marcados por mudanças que impactaram diretamente o rádio. Mudanças tecnológicas como o advento da televisão e a possibilidade de fazer transmissões de melhor qualidade e distância fizeram com o que as pessoas tivessem mais opções de entretenimento doméstico. Com maior audiência, a publicidade começou a ser melhor explorada e revelava indícios que o projeto de afirmação de uma cultura tipicamente brasileira tinha criado suas raízes. Com a Copa do Mundo de 1950 sediada no Brasil, as publicidades estimulando o consumo apelavam para símbolos da “cultura brasileira” como o futebol e o turismo. O crescimento da popularidade nos meios de comunicação corroborou para que o Rio Grande do Sul passasse de 28 para 50 emissoras ativas, com destaque para a Rádio Gaúcha e

Rádio Farroupilha que disputavam para ser a maior audiência naquele momento, com a Farroupilha levando vantagem por seu programa *Drama da Bola*, que misturava entretenimento e futebol. Importante ressaltar a atuação da Rádio Itaipó na capital, que cobriu os esportes entre os anos de 1952 e 1958.

Com essa evolução, no final dos anos 50 é possível notar a formação de departamentos de esportes nos meios de comunicação e a maior participação das publicidades. A concorrência pelas transmissões fez surgir novos profissionais, com maior espaço aos comentaristas e o repórter de campo, que finalmente chegava aos gramados, e uma organização “fordista” da transmissão esportiva (Dalpiaz, 2002). De acordo com Dalpiaz, o avanço da tecnologia corroborou para esse processo:

a evolução dos transmissores, os gravadores portáteis, o desenvolvimento da telefonia, entre outros avanços tecnológicos, tornaram as transmissões cada vez mais profissionais. O processo de produção foi ficando mais ágil, diminuindo-se a perda de tempo no preparo da transmissão. O radiojornalismo esportivo passou por uma reestruturação, com a especialização das tarefas. No início do processo, um único profissional realizava diversas funções, essa nova estrutura passou a exigir especialidade e, assim, foram se formando equipes, com uma divisão específica, mais definida dentro das emissoras. O narrador deixa de ser aquele que era também o locutor comercial e passa a ser o narrador principal, e assim os postos de trabalho se segmentam, conforme a própria estrutura de mercado. (Dalpiaz, 2002, p.87)

No ano de 1957 a criação da Rádio Guaíba, por Caldas Júnior, movimentou a hierarquia das transmissoras do estado. A cobertura dos campeonatos locais com seu time de narradores e repórteres de campo já havia colocado a transmissora no radar da audiência, mas foi a cobertura de qualidade *in loco* da Copa do Mundo de 1958 que colocou a empresa como uma das principais transmissoras do estado e se mantivesse nesse posto por algum tempo.

A galgada de posições da Rádio Guaíba e sua atenção às transmissões esportivas instaurou uma rivalidade por audiência com a Rádio Gaúcha. A corrida para a melhor transmissão dos maiores eventos girava em torno de fechar patrocínios para cobrir os custos de viagem de pessoal e de melhorias tecnológicas para aumentar a qualidade das transmissões, além da aquisição de direitos de transmissão, que geralmente eram vendidos por algum órgão local a poucas empresas do exterior. Na Copa de 1966, na Inglaterra, as transmissoras gaúchas não foram contempladas na venda dos direitos, ficando exclusivos para as 10 rádios com maiores audiências no país. Nesse contexto desafiador, a Rádio Guaíba inovou ao realizar a primeira transmissão dos jogos no formato chamado “*off tube*”, na qual a equipe do rádio assistia o jogo de um aparelho televisor e simulava a transmissão *in loco*, assim driblando as tarifas cobradas pelos ingleses e conseguindo entregar o jogo para sua audiência. Essa prática

introduziu o uso de televisores nas transmissões radiofônicas de jogos à distância, prática que se mantém até hoje. A Rádio Gaúcha, por sua vez, realizou uma parceria com a Rádio Itatiaia, de Belo Horizonte, que detinha os direitos dos jogos, e os transmitiu do estádio com uma equipe menor que a usual.

Essa época é marcada pela implementação gradual da televisão como novo meio de comunicação na sociedade gaúcha. Como o rádio, a televisão iniciou como um artigo de luxo e não tinha ainda muito apelo das massas. Por esse motivo, nos anos 1960 o rádio ainda não havia perdido espaço para as imagens que a televisão proporcionava, porém já era notável que havia mudanças a caminho.

O paradigma do futebol e a comunicação mudou nos anos 70. Com a instauração da ditadura militar, o Estado, assim como no governo de Getúlio, vê no futebol uma função cívica ao aproximar o povo de uma ideologia patriota, principalmente após o tricampeonato de 1970. Ações de ordenamento do futebol foram tomadas a fim da profissionalização do futebol, segundo Proni:

O Estado brasileiro exerceu um papel decisivo nos principais momentos de reestruturação do futebol brasileiro. Tanto a indução ao profissionalismo e a criação do CND (Conselho Nacional de Desportos), durante a primeira era Vargas, quanto a implantação do campeonato nacional, a regulamentação do jogador de futebol e a criação da CBF, durante o período da ditadura militar, podem ser interpretadas como passos importantes na direção da atualização do futebol brasileiro em relação ao futebol europeu, de um lado, e da busca da vida civil disciplinada e da integração nacional por meio do esporte, de outro. (...) durante mais de cinquenta anos, o futebol precisou da tutela estatal para se estruturar e crescer. (Proni, 2000, p. 147)

Junto a isso, o papel da televisão aumenta dentro da organização do futebol. Mesmo que existisse certo receio do esvaziamento dos estádios se houvesse transmissão de jogos ao vivo, eram apresentados *tapes* das partidas já jogadas. O aumento do espaço da televisão impactou diretamente as transmissões de rádio causando uma crise no esporte da Rádio Gaúcha que findou no seu fechamento no ano de 1971. Pouco tempo depois, o departamento seria aberto para ser reestruturado a partir da ideia de Cândido Norberto de adaptar seu programa da televisão para o rádio: *O Sala de Redação*.

3.3. O SALA DE REDAÇÃO

Dentro da hierarquia dos programas esportivos de rádio no Rio Grande do Sul, *o Sala de Redação* adquiriu uma posição de proeminência em relação aos concorrentes. Não é raro ver

jornalistas de fora da emissora Rádio Gaúcha, ou mesmo da mesma emissora mas não participantes do programa, classificarem-no como a posição máxima a ser alcançada dentro do jornalismo esportivo gaúcho.

Criado em 1971 por Cândido Norberto, o *Sala de Redação* iniciou como um programa de rádio que não se restringia apenas a esportes. Inicialmente o programa foi pensado para a televisão como um programa de cunho quase humorístico. O cenário tinha objetos distribuídos que remetiam à redação de um jornal - como máquinas de escrever e jornais - com a ideia de apresentar um noticiário em que os jornalistas entrevistavam os colegas de redação e teciam comentários rápidos sobre as notícias que eram dadas. De acordo com Ferraretto (2014), o programa de TV foi reaproveitado para o rádio e tomando um perfil ainda mais informal. A dinâmica do programa seguia o tom de improvisado que era dominante do jornalismo da época. O programa consistia na apresentação de Cândido Norberto que, das 11h00 às 14h00, circulava pela redação do *Jornal Zero Hora* apurando as últimas notícias direto com os jornalistas que ali estavam e recebia convidados para tratar de diferentes assuntos. Um dos convidados, de acordo com o relato do próprio, foi Paulo Sant'Ana, que na época era inspetor de polícia. Em uma tarde, enquanto assistia a Norberto Cândido apresentar o programa no estúdio, é inesperadamente convidado para um bate papo no ar. Logo de cara, Sant'Ana se declara gremista e a conversa se torna exclusivamente futebolística. Cândido gostou do resultado e Paulo Sant'Ana se tornou um convidado assíduo do programa para falar sobre esportes. A participação de convidados para falar sobre esportes foi bem recebida pelo público - e então uma parte do programa foi reservada para tratar do tema.

Neste formato o programa era dividido em duas partes: a primeira, com maior tempo, dedicada ao jornalismo geral e a segunda, mais curta, sobre noticiário esportivo. De acordo com a fala de Cláudio Brito, o *Sala de Redação* foi um programa que remodelou os programas da Rádio Gaúcha, que seguem seu modelo até hoje:

Até que um ano e meio depois, incendiou o prédio do morro. A rádio, então, desceu para a Ipiranga para emergencialmente ocupar o espaço que o Cândido tinha na redação. O Nelson Sirotsky, que estava assumindo a gerência da rádio, disse com todas as letras: 'O Sala de Redação é aquilo que vamos fazer da Rádio Gaúcha: informação, conversa, todo o tempo à disposição, com agilidade para fazer qualquer cobertura no momento' (Duarte, Felipe 2021).

O sucesso do programa fez com que a Rádio Gaúcha disputasse audiência com a rádio Guaíba, que tradicionalmente tinha maior alcance que as demais. Ao final dos anos 1970, Norberto Cândido saiu da Rádio Gaúcha deixando o *Sala de Redação* como legado. Como o

programa era um sucesso, os diretores da época decidiram a reformulação da parte esportiva, que ia das 13h00 às 14h00, e atribuíram essa incumbência a Ruy Carlos Ostermann. A ideia era manter o tom descontraído do programa, porém agora em formato de mesa-redonda e focado no futebol. As discussões seriam pautadas pela conversa dos participantes, que agora eram permanentes, sobre os assuntos futebolísticos do momento, com ênfase para a dupla grenal. A primeira equipe de integrantes permanentes do *Sala de Redação*, em 1978, era composta por Paulo Sant'Ana, Enio Melo, João Nassif, Kenny Braga, Cid Pinheiro Cabral e Oswaldo Rolla.

O formato adotado consolidou o sucesso que o programa havia ganhado e o catalisou, o que fez com que fosse mantido no ar até os dias de hoje. No decorrer dos anos, o programa contou com algumas mudanças que são consequência do contexto tecnológico e como este afeta a relação com a audiência. Diferentes estratégias foram adotadas no sentido de dar mais dinâmica e reinventar o programa sem perder a sua essência. A participação de ouvintes no estúdio e a presença do programa em diferentes mídias, nas quais são feitas pesquisas interativas para que o ouvinte também possa participar à distância, são ferramentas utilizadas para situar o programa na fase atual do radiojornalismo. Hoje, o programa é transmitido das 13h00 às 15h00 de segunda a sexta. A dinâmica consiste em manter um equilíbrio do uso desse tempo entre pautas da dupla grenal, sendo que a primeira parte é composta por debate com comentários rápidos dos participantes sobre pautas introduzidas pelo seu âncora, e na segunda parte há a participação de um repórter setorista de cada time que traz as últimas notícias para a mesa de debate. Recentemente, o programa é transmitido no formato de *live* pelo canal da emissora no YouTube, no aplicativo GZH e na rádio.

3.4. OS INTEGRANTES DO SALA

A composição de integrantes do programa varia, porém normalmente é de maioria de jornalistas que trabalham no grupo RBS (que engloba a Rádio Gaúcha e o jornal *Zero Hora*) e alguns agregados de diferentes perfis, como ex-dirigentes e artistas. Uma estratégia que se mantém desde os primórdios do programa é ter um equilíbrio entre componentes identificados com Grêmio e Inter, de maneira a legitimar o tom neutro que o programa adota em relação à rivalidade grenal. Dentre os identificados, os mais destacados estão os jornalistas Paulo Sant'Ana, gremista e Kenny Braga, colorado, e também os ex-dirigentes dos clubes como Cacalo, gremista, e Fernando Carvalho, colorado.

O *Sala de Redação* se tornou um programa de referência no país no gênero esportivo por suas discussões acaloradas e o tom de conversa entre amigos. A ideia da discussão do

futebol sem linguagem técnica aproximou o ouvinte dos integrantes e os tornou em personalidades do povo gaúcho. Um dos traços distintivos do Sala de Redação é a liberdade poética de opinião que permite que os integrantes não encarem os tópicos com a seriedade da postura profissional que os jornalistas tratam suas matérias. O nível mais elevado de descontração é proporcional ao nível de *personalidade* que os integrantes colocam nas suas opiniões. A maior liberdade de expressão - aqui no sentido de se livrar de amarras profissionais que podem existir em outros contextos - torna com o que a referência das ideias expressas sejam as *pessoas* e elas sejam reconhecidas pelos seus posicionamentos, criando um imaginário de posicionamentos possíveis e previsíveis para tal integrante, o que pode causar a identificação ou distanciamento para com o mesmo, como não raro é escutado sobre a simpatia ou antipatia em relação a algum integrante em conversas com ouvintes. Como diz o atual âncora do programa, Pedro Ernesto Denardin:

O Sala de Redação é um programa fantástico. Um programa que não é exatamente um programa de jornalistas. Ele é um programa de personalidades. Ele tem uma sintonia maravilhosa, é descontraído, ele tem algumas loucuras e algumas ousadias de linguagem, tudo isso faz do Sala de Redação um sucesso. (Denardin, 2015)

Mesmo que seja um programa de personalidades, ao longo de sua trajetória o programa desenvolveu um leque de perfis aceitáveis que podem participar desse espaço. Estes orbitam em torno do perfil central que é o que dá o retrato do programa: jornalistas com longa experiência na emissora. A jornada dentro da empresa parece ser um tipo de rito pelo qual o jornalista esportivo deve passar para chegar ao posto mais desejado: uma cadeira no *Sala de Redação*. A maioria dos integrantes que hoje compõe o programa passou por esse rito, iniciando como repórteres de campo ou setoristas, depois se tornando comentaristas e ao longo de algum tempo nessa função adquirem ou não a sua cadeira - é preciso salientar que não é objetivo deste trabalho a definição de quais critérios são necessários para a entrada no programa - e, na falta dessas informações, o que resta é recorrer a circunstâncias que apontam para um caminho comum, mesmo que não bem delineado. Portanto, interpreta-se que na emissora há uma estruturação interna que indica um caminho que os que hoje estão numa posição de privilégio tiveram que passar para adquirir as competências necessárias para ocupar este posto - uma *trajetória* definida. Em Bourdieu (1994, p.81), a trajetória é entendida como as posições em que o agente de um determinado campo ocupa durante seu *envelhecimento social*, onde adquire disposições objetivas e subjetivas balizadas pela configuração interna do campo em questão - os capitais valorizados e o espaço das posições possíveis. No detalhamento a seguir, os jornalistas que seguiram esse caminho serão descritos como *jornalistas experientes* da

emissora. Embora esse perfil tenha sido proeminente durante a história do programa, hoje há uma flexibilidade causada pelo diferente contexto comunicacional vigente e pela transformação do conteúdo do comentário, processos que serão mais bem detalhados em um próximo capítulo. A maior disponibilidade de mídias fez com que outros comunicadores consigam disputar espaço com o Sala de Redação e o programa tenha que se abrir a esses novos agentes para seguir tendo seu espaço de prestígio. Na composição atual, o Sala de Redação é formado pelos seguintes integrantes:

- *Pedro Ernesto Denardin*: jornalista experiente do Grupo RBS, conhecido por ser o narrador de maior destaque nas transmissões da Rádio Gaúcha e âncora do *Sala de Redação*. Possui colunas diárias no jornal *Zero Hora*, também participa do *Jornal do Almoço* da RBS para fazer comentários sobre futebol. É um dos participantes de maior prestígio dentro da Rádio Gaúcha e o segundo integrante mais antigo do *Sala de Redação*, onde está desde 2012, após apenas de Guerrinha.

- *Adroaldo Guerra Filho (Guerrinha)*: jornalista experiente do Grupo RBS que em 2023 completou 40 anos de carreira pela mesma emissora. É comentarista nas transmissões esportivas e é o integrante mais antigo do *Sala de Redação*. Escreve para o *Diário Gaúcho* e para o jornal *Zero Hora*. É integrante do *Sala de Redação* desde 2001.

- *Maurício Saraiva*: jornalista experiente do Grupo RBS. É comentarista nas transmissões dos jogos na Rádio Gaúcha e nos jogos dos times gaúchos que são transmitidos pela RBS, concessionária da Globo. Escreve para a *Zero Hora* e participa com certa assiduidade do programa televisivo *Globo Esporte*, programa esportivo que vai ao ar na RBS diariamente das 12h45 às 13h30. Tornou-se integrante permanente do programa em 2018.

- *Diogo Olivier*: jornalista experiente no Grupo RBS. Atua como comentarista nas transmissões de jogos na Rádio Gaúcha e nos jogos transmitidos pela RBS TV, escreve para o jornal *Zero Hora* e faz participações como correspondente do futebol gaúcho para os programas nacionais do canal SporTV. Ingressou no programa em 2018.

- *Leonardo Oliveira*: jornalista experiente no Grupo RBS. Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos, atua como comentarista nas transmissões de jogos na Rádio Gaúcha, escreve para o jornal *Zero Hora* e participa de dois podcasts do Grupo RBS, *Mundo da Copa*, focado em temáticas referente a Copa Libertadores, e o *Deu Liga*, que repercute temáticas sobre ligas do campeonato europeu. Recentemente passou uma temporada em Barcelona, onde realizou um curso de Marketing e Gestão Esportiva na Johan Cruyff Institute. Ingressou no programa em 2019.

- *Luciano Potter*: jornalista que fez sua carreira no grupo RBS, porém não percorreu o caminho dos mais antigos já citados. Fez sua carreira inicialmente na Rádio Atlântida, que pertence ao Grupo RBS, mas possui uma característica mais humorística e pouco ligada ao futebol. Foi um dos fundadores do programa humorístico de sucesso, *Pretinho Básico*, e um dos responsáveis pelo sucesso da Rádio Atlântida. Hoje é apresentador do programa jornalístico *TimeLime* da Gaúcha, participa eventualmente como comentarista nos jogos do Internacional, time o qual é torcedor, e dá palestras. Além disso, possui um podcast chamado *Caixa Preta*, não filiado ao Grupo RBS. Integra o *Sala de Redação* desde 2021.

- *César Cidade Dias*: comunicador identificado como torcedor do Grêmio. Vem de uma família com conexão institucional do clube, seu avô foi dirigente do clube nos anos 80. CCD, como é chamado, foi dirigente do Grêmio entre 2010 e 2011 e teve passagem pelo Pelotas. Iniciou sua carreira na comunicação no Grupo Bandeirantes em 2006, em que foi participante do programa televisivo *Donos da Bola*. A visibilidade que sua posição televisiva lhe deu fez com que seu canal informativo sobre o Grêmio no YouTube alcançasse alto número de visualizações, sendo o maior canal dos novos chamados *influencers* identificados do Grêmio. Integrou o *Sala de Redação* em 2023 e escreve colunas para a *Zero Hora*.

Além destes integrantes permanentes, eventualmente participam do programa alguns convidados. Na maioria das vezes, são jornalistas da emissora que substituem algum integrante permanente que não pôde participar no dia. Os mais assíduos - e que valem ser mencionados neste trabalho por participarem dos programas escolhidos a serem analisados, são:

- *Vágner Martins (Vaguinha)*: jornalista que atua como repórter e comentarista. Teve passagens pela Bandeirantes e Fox Sports. Alcançou visibilidade por seu canal no YouTube que repercutia notícias sobre a dupla GreNal. Pouco antes de ser anunciado pelo Grupo RBS, em 2024, se declarou colorado e passou a ser um jornalista identificado com o Internacional. Normalmente participa do *Sala de Redação* quando o Luciano Potter está ausente, no sentido de manter um comentarista identificado com o Internacional no programa.

- *Cristiano Munari*: jornalista e comentarista do Grupo RBS. Escreve para a *Zero Hora* e participa do programa esportivo *Sem Filtro*, que é transmitido no canal no YouTube da emissora.

- *Marcelo de Bona*: jornalista e narrador do Grupo RBS. É apresentador do programa *Esportes ao Meio Dia*. Participa do programa para substituir Pedro Ernesto Denardin na mediação.

Ainda que a maioria ainda tenha seguido o rito de ter sua trajetória construída dentro da emissora, nota-se que, principalmente os integrantes que entraram por último, indica uma abertura da empresa para novos indivíduos que possuem abordagens diversas dos que são geralmente recrutados para o programa. Dentro dessa perspectiva, é esperado que o conteúdo do comentário do integrante acompanhe a construção do seu sentido sobre o futebol que foi feita distante daquele espaço, gerando uma diferença entre os comentários dos integrantes de diferentes trajetórias. Porém, para isso, é necessário anteriormente dissecar as estruturas do comentário esportivo, no sentido de expor suas características e definir quais delas são mais ou menos determinantes na sua formação.

4. O COMENTÁRIO ESPORTIVO

4.1. A FORMAÇÃO DA OPINIÃO JORNALÍSTICA

A opinião é a ferramenta de trabalho do comentarista, seja nas transmissões dos jogos, colunas em jornais ou em mesas-redondas. Para além de um mero posicionamento pessoal, tomado de forma generalista e sem peculiaridades, a opinião é formada por diversas lapidações que tem como referência a trajetória do agente nos diferentes contextos por qual circula e adquire sentidos, assim como pelas particularidades estruturais do meio pelo qual a opinião será emitida (Bourdieu, 1994). Como neste trabalho é abordada a opinião de jornalistas esportivos em um contexto de mídia de massa, é necessário que seja traçado um caminho pelo qual a opinião do comentarista seja tocada pela sua trajetória pessoal e, principalmente, capture as peculiaridades da vida profissional que moldam o sentido de suas crenças e representações.

A opinião, inicialmente, é entendida como uma manifestação de quem a emite sobre um fato que é interpretado a partir de sua perspectiva e comunicada a outro, que possui perspectivas diversas. Em Guimarães (2018), trabalha-se com a ideia de Beltrão (1980), em que a construção da opinião do jornalista segue um caminho:

“[j]ornalista terá, então, de manipular a informação em três tempos: dominar a informação, ou seja, calcular toda sua extensão e alcance, a força daquilo que chegou ao seu conhecimento, inteirando-se amplamente de suas causas, seus aspectos significativos e sua sequência lógica; reger a informação, isto é, leva-la ao conhecimento público quando conveniente e oportuno, observando as normas práticas e éticas da divulgação ou da supressão das matérias; e assistir à informação, mediante o consciencioso acompanhamento de seus efeitos imediatos e mediatos. A notícia não deve ser abandonada à sua sorte, cabendo ao jornalista procurar extrair dela para oferecer ao público todo o sumo, com vistas sempre ao bem-estar e maior proveito à comunidade. (p.60)

De acordo com Guimarães, amparado em Wolf (2008), nesse processo está presente um filtro que impõe critérios específicos que padronizam, de um número imprevisível de acontecimentos, a escolha de quais e como esses acontecimentos serão transformados em notícias que são desenvolvidas e levadas a público, carregando a opinião do jornalista. Esses filtros que determinam os fatos que se transformam ou não em notícia e, conseqüentemente, em opinião são entendidos como valores-notícia. De acordo com Traquina (2013, p.75 apud Guimarães, 2021, p. 64), os valores-notícia são separados em diferentes categorias, como no quadro abaixo:

Quadro 1:Lista de valores notícia

Critérios	Valor-notícia
Critérios substantivos (valores de seleção)	Impacto/morte Notoriedade Proximidade Relevância Novidade Tempo Escândalo Inesperado Conflito Notabilidade (erro, excesso, escassez)
Critérios contextuais (valores de seleção)	Disponibilidade Equilíbrio Visualidade Concorrência “Dia Noticioso”
Valores de Construção	Simplificação Amplificação Relevância Personalização Dramatização Consonância

Fonte: Traquina, 2013 apud Guimarães, 2018

Nesse sentido, a opinião do jornalista é em sua maior parte uma questão técnica, que é determinada pela interpretação de um fato que é filtrado pelos sentidos e valores construídos durante sua trajetória pessoal combinadas com as *disposições* técnicas de interpretação adquiridos a partir da sua participação no campo profissional onde atua. Entretanto, além do processo próprio do jornalista, deve-se levar em conta a apreensão dos valores específicos da empresa de comunicação da qual o jornalista faz parte. Os indivíduos que têm a função de assegurar que os interesses da empresa estão sendo protegidos são os editores. De acordo com Guimarães (2018), o editor é quem:

faz o julgamento que faz sobre determinado problema ou questão o grupo de elite que mantém o veículo, que é a dita política editorial. Leva-se em conta elementos como as convicções filosóficas do grupo, as informações e relações que envolvem o tema proposto, sondagens e pesquisas realizadas na área de circulação e influência do veículo,

a experiência jornalística dos chefes de redação e os interesses econômicos da empresa.
(p.61)

É importante ressaltar as particularidades que esse processo de construção de opinião se aplica no programa especificamente. O ponto central no que toca à relação da formação da opinião dos jornalistas e o programa é a identidade descontraída e a fuga da técnica jornalística convencional do Sala da Redação. Entretanto, é preciso recordar que as pautas dos programas são criadas por jornalistas e interpretadas pelos comentaristas, que em sua maior parte são também jornalistas, que, mesmo que não utilizem ao máximo a expressão técnica do jornalismo, ainda possuem inculcados os critérios de filtragem e seu olhar característico aos fatos, que são expressos em suas opiniões.

Referente às diretrizes editoriais, estas são menos restritas se tratando do programa Sala de Redação, já que é um programa de opinião que tem como identidade um nível maior liberdade na expressão pessoal dos comentaristas que ali estão. Porém, não é desprezível no sentido de que o programa tem atenção privilegiada da editoria por ser um dos mais tradicionais da Rádio Gaúcha. As pautas pré-determinadas e o planejamento para que se adapte às mudanças contextuais mas mantenha uma identidade própria, mesmo que esta remeta a maior flexibilidade na questão técnica jornalística, não deixa de ser uma estratégia de construção e manutenção de uma identidade empresarial.

Dessa maneira, o fato do programa ter como característica explorar a identidade dos integrantes à nível mais personalista não diminui a importância das disposições técnicas adquiridas na sua trajetória profissional nas suas opiniões emitidas, tampouco como as determinações dos que possuem posição de decisão sobre o programa no sentido de alinhá-lo com os interesses da empresa.

4.2. PERIODIZAÇÃO DO COMENTÁRIO ESPORTIVO NO RÁDIO DE PORTO ALEGRE

Para demarcar as diferentes fases do comentário esportivo, seguirei Guimarães e Ferraretto (2016), que propuseram a diferenciação entre tipificações de comentário esportivo em Porto Alegre a partir das mudanças tecnológicas que reestruturaram as práticas jornalísticas. São elas:

- a) popularização dos receptores transistorizados;
- b) televisionamento dos jogos;
- c) a internet e as redes sociais.

Tendo essa contextualização feita, no sentido de demarcar mudanças tecnológicas que transformaram o fazer jornalístico em passado e futuro, os autores propõem três fases do comentário esportivo em Porto Alegre e desenvolvem para cada qual suas características particulares:

- a) da crônica esportiva, do início da década de 1950 até o início dos anos 1970;
- b) do jornalismo esportivo, cerca dos anos 1960 até o início do século 21;
- c) do jornalismo esportivo convergente, da segunda metade da década de 1990 até a atualidade.

4.3. A CRÔNICA ESPORTIVA

Como já foi mencionado anteriormente neste trabalho, o comentarista é incorporado nas transmissões esportivas ainda sem uma função bem delimitada. Inicialmente, faziam o papel parecido com o de repórter de campo, complementando as informações no sentido de auxiliar o narrador das partidas. A partir da Copa de 1950, quando houve a construção do Maracanã e o fracasso do *Maracanazo*, a demanda pelo produto do futebol aumentou, requerendo maior especialização dos envolvidos nas suas transmissões.

Aos poucos, alguns comentaristas foram sendo adicionados às transmissões dos jogos, como Benjamin Wright, na Globo, e Mário Moraes, na Bandeirantes. De acordo com Guimarães e Ferraretto (2016), em 1952 apareceram os primeiros comentaristas da rádio em Porto Alegre: Aurélio Reis, na Rádio Difusora e Enio Melo, na Rádio Farroupilha.

Ao mesmo passo que no rádio era dada mais atenção às pautas futebolísticas, assim também era na mídia impressa. O termo “crônica esportiva” foi criado a partir da adoção do futebol como objeto para escrita de crônicas na mídia impressa. Nomes como Mário Filho, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira iniciaram esse movimento que influenciou o conteúdo dos comentaristas que trabalhavam nas rádios. Nesse sentido, o comentário baseado na crônica seguia uma linha sem rigor técnico do jogo ou texto jornalístico, se aproximando mais de características da literatura e de uma visão bastante subjetiva dos eventos do jogo. A ideia da crônica não era interpretar a partida de modo analítico como vemos hoje, mas a expor de uma maneira romântica típica do campo literário, como nesse relato de Armando Nogueira sobre a vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970:

Orgulha-me ver que o futebol, nossa vida, é o mais vibrante universo de paz que o homem é capaz de iluminar com uma bola, seu brinquedo fascinante. Trinta e duas batalhas, nenhuma baixa. Dezesseis países em luta ardente, durante vinte e um dias — ninguém

morreu. Não há bandeiras de luto no mastro dos heróis do futebol. Por isso, recebam, amanhã, os heróis do Mundial de 70 com a ternura que acolhe em casa os meninos que voltam do pátio, onde brincavam. Perdoem-me o arrebatamento que me faz sonegar-lhes a análise fria do jogo. Mas final é assim mesmo: as táticas cedem vez aos rasgos do coração. Tenho uma vida profissional cheia de finais e, em nenhuma delas, falou-se de estratégias. Final é sublimação, final é pirâmide humana atrás do gol a delirar com a cabeçada de Pelé, com o chute de Gérson e com o gesto bravo de Jairzinho, levando nas pernas a bola do terceiro gol. Final é antes do jogo, depois do jogo — nunca durante o jogo. Que humanidade, senão a do esporte, seria capaz de construir, sobre a abstração de um gol, a cerimônia a que assisto, neste instante, querendo chorar, querendo gritar? Os campeões mundiais em volta olímpica, a beijar a tacinha, filha adotiva de todos nós, brasileiros? Ternamente, o capitão Carlos Alberto cola o corpinho dela no seu rosto fatigado: conquistou-a para sempre, conquistou-a por ti, adorável peladeiro do Aterro do Flamengo. A tacinha, agora, é tua, amiguinho, que mataste tantas aulas de junho para baixar, em espírito, no Jalisco de Guadalajara. (Nogueira, 21.jun.1970)

Nos anos 1960, o rádio portátil foi popularizado transformando a relação do torcedor com a partida. Mesmo estando no estádio, o torcedor assistia à partida com o rádio no ouvido escutando os pormenores que a transmissão lhe proporcionava. Esse movimento consolidou o papel do comentarista nas transmissões, que foi impulsionado pelo crescimento dos departamentos esportivos nas rádios. Como a transmissão foi ficando mais complexa também foi requerida maior especialização para as tarefas necessárias para sua realização. Esse contexto fez com que fossem sendo formados papéis profissionais melhor delimitados dentro da organização, diferente do que era visto quando um indivíduo acumulava funções. Agora as transmissões eram compostas por narradores, comentaristas e repórteres, deixando para trás o modelo em que o narrador era o locutor que protagonizava praticamente sozinho as transmissões.

O fortalecimento dos departamentos de esportes fez com que profissionais das mídias impressas fossem incorporados e com eles práticas jornalísticas mais técnicas, com destaque para Ruy Carlos Ostermann, pela Rádio Guaíba em 1960, o que marcou o fim da fase da crônica esportiva.

4.4. A FASE DO JORNALISMO ESPORTIVO

Ruy Carlos Ostermann ganhou notoriedade em 1962, quando começou a comentar jogos na Rádio Guaíba. O destaque é proveniente de sua inovação ao tratar o jogo com maior técnica ao recolher dados da partida por meio de uma planilha, quebrando com a lógica do comentário puramente subjetivo:

É na Inglaterra, também, que Ruy Carlos Ostermann, ponderando prós e contras, sem deixar de reconhecer o mérito dos adversários, consolida-se como o principal

comentarista do Rio Grande do Sul, apresentando explicações para a péssima campanha da Seleção Brasileira [...]. No trabalho que realiza desde então, embasa seus argumentos, analisando a partida pelo número de arremates a gol, de chutes [...], de jogadas bem ou mal finalizadas, escanteios cobrados ou cedidos, de faltas etc. Enfim, uma série de detalhes cuidadosamente planilhados que podem ser resumidos em uma única palavra: informação. (Ferraretto, 2007, p. 492).

Pela primeira vez se via na rádio a coleta e utilização de dados estatísticos da partida para embasar a opinião do comentarista. A fórmula logo se alastrou e foi utilizada por outros comentaristas. O comentarista nesse caso começou a dar também informação e caminhar a curtos passos de um ambiente de comunicação exclusivamente opinativo - para o interpretativo. O comentário passou a ser um relato informático com uma estrutura mais coerente:

Testei um pouquinho e depois adotei mecanicamente. Com base nisto que está à minha frente, e que eu vou preenchendo, tenho todas as informações do jogo em duas folhas. Então meu comentário, por força disso, ficou completamente diferente dos outros, eu não tinha que fazer uma frase de efeito. Eu partia do seguinte: o Grêmio foi superior ao Internacional por uma razão bem simples. O Grêmio chutou 22 vezes e o Internacional quatro. Vocês querem uma comprovação mais clara de uma diferença entre um e outro, que esta? [...] Tinha que dizer: o Grêmio domina, é insistente, tem mais volume. Tudo isso é verdade, só que o que faltava era dizer como que era isso. Então o comentário ficou revestido de veracidade. [...] Acrescento os números para comprovação material de tudo. (Ostermann apud Guimarães, 2018, p. 82)

Lauro Quadro foi outro comentarista que surgiu nessa época, porém com perfil diferente de Ruy Carlos Ostermann. Lauro, apesar de também adotar os dados a partir da inovação do colega e ter preocupação tática, tem um tom mais descontraído que o filósofo, normalmente sendo notado por adotar frases anedóticas para se referir a momentos do jogo como “ali é o caminho da roça”, indicando uma área do campo de marcação deficiente do adversário, por onde um time pode chegar ao gol; ou ‘é isto aí mais meio quilo de farofa’, forma de encerrar um raciocínio” (Ferraretto, 2007, p. 493). Importante notar que mesmo que o perfil de comentarista seja diferente, enquanto Ostermann era mais acadêmico e Lauro Quadros mais informal, os métodos para interpretar os lances eram os mesmos, o que os deu destaque durante essa fase dos comentaristas de Porto Alegre.

Durante os anos 1970 e 1980, Lauro Quadros e Ruy eram os comentaristas de maior destaque. Assim como Lauro, nessa época se consolida o movimento de “plano de carreira” nas rádios em que repórteres que eram promovidos assumiam a função de comentarista, sem critérios técnicos específicos para a escolha, exceto se fossem profissionais que tivessem atuado no futebol (Guimarães, 2018, p.85). Nessa época foi criado o *Sala de Redação*, que inova ao promover comentaristas identificados com os clubes da dupla grenal.

Essas décadas também ficaram marcadas pela maior frequência de transmissões de jogos pela televisão, o que reforça a importância do papel do comentarista. Mesmo que as primeiras transmissões tenham acontecido na década de 1950, a frequência das transmissões se restringia a partidas decisivas até a Copa do Mundo de 1970, que foi transmitida ao vivo para o Brasil com apoio decisivo do regime militar. Em meados dos anos 1990, a televisão já havia se consolidado como principal veículo de cobertura esportiva e a internet, embora ainda de forma tímida, é popularizada mudando a forma do fazer jornalístico. Entra-se no período do jornalismo convergente. Nesse contexto, começam a aparecer os *analistas de futebol* como uma transformação da figura do comentarista, renomeado por ter o conteúdo do comentário maior precisão científica por meio da utilização de termos e linguagens próprias do campo do futebol na realização de *análises táticas e de desempenho*.

4.5. O COMENTÁRIO ESPORTIVO CONTEMPORÂNEO

De acordo com Guimarães e Ferraretto (2016), a transformação do comentarista da fase do jornalismo esportivo para o comentarista contemporâneo tem como base a transformação dos meios comunicacionais e sua relação com o receptor. A popularização da internet como meio de comunicação modificou as dinâmicas de interação entre o emissor e o receptor da mensagem, o que caracterizou um novo período na comunicação que é nomeado pelo conceito desenvolvido por Jenkins (2009) como a fase da *cultura de convergência* da comunicação:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. No mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas. [...] A circulação de conteúdos por meio de diferentes sistemas de mídia, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais – depende fortemente da participação ativa dos consumidores. [...] a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas transformações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. (p. 29-30).

Nesse contexto, é o maior número de conteúdos ofertados de mídias diferentes que reestruturam a relação do receptor com o que lhe é ofertado. De acordo com Guimarães (2018, p. 91), “[a] fase da multiplicidade da oferta, buscando entender as relações do rádio com os outros meios, fundamentando a ideia de que a tecnologia e a evolução de outros sistemas consideravelmente transformam e influenciam os enfoques dados pelos jornalistas”, o que

sugere que a relação entre as diferentes mídias estabelece uma relação de transformação mútua nas produções para alcançar um número maior de receptores, respeitando a particularidade do usuário da mídia em questão. Esse processo, como em efeito dominó, transformou o trabalho do jornalista em forma e conteúdo.

Dentro do ambiente de convergência, a lógica de consumo dos receptores é alterada. No contexto do rádio, o ouvinte possui maiores meios para interagir com quem participa das transmissões dos programas radiofônicos - a partir por exemplo dos perfis das páginas da rádio, do programa ou dos comunicadores nas redes sociais, o que impacta de forma mais direta como e o que é produzido. Enquanto nas fases anteriores o que era dito pelo comentarista era veiculado nas poucas opções de mídias existentes, hoje o ouvinte tem uma multiplicidade de mídias por onde consumir e produzir sua própria análise. Esse processo é definido por Castells (2015, apud Guimarães e Ferraretto, 2016), como *audiência criativa*:

“[u]ma audiência ativa que molda seu significado ao contrastar suas experiências com os fluxos unilaterais de informação que ela recebe”, representando “o surgimento da produção interativa de significado” e se constituindo na “fonte de cultura da remixagem que caracteriza o mundo de autocomunicação de massa” (Castells, 2015, p. 186).

Sendo assim, o comentário esportivo passa a dar mais relevância ao dado técnico, por sua demonstração de especialização sobre os detalhes da partida. A assimilação de conhecimentos do campo de futebol para propor análises melhor fundamentadas se tornou o diferencial em relação aos comentaristas da fase anterior, que emitiam opiniões com menor rigor e mais focados em aspectos individuais e técnicos do que a atual, que prefere análises que englobam a coletividade do jogo. Dentro desse contexto, Guimarães (2018, p. 116) oferece uma

gama de características que descrevem o comentarista contemporâneo da fase convergente. São elas:

- a) *relação com a audiência criativa*: análise da interação entre comentarista e audiência;
- b) *análise do jogo baseada em dados*: se o comentarista utiliza ferramentas de dados que auxiliam no seu comentário;
- c) *aproximação com o campo do esporte*: se o comentarista se apropria de conhecimentos próprios do campo do esporte, expressando-os a partir de termos e conceitos que utilizam de suas lógicas internas;
- d) *utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo*: se o comentarista utiliza informações que apontam para o gênero interpretativo de comentário.

Como o objetivo deste trabalho é avaliar a disseminação de ideias do que é conhecido como futebol moderno dentro do programa *Sala de Redação*, aqui nos ateremos aos pontos que se referem à influência do que é entendido como futebol moderno no comentário do integrante do programa. Para isso, também será introduzida a definição de Silva (2022), de *futebol moderno como conceito sociológico*, para contextualizar as mudanças no campo do futebol que afetam, conseqüentemente, os comentários para além do enfoque das transformações no campo da comunicação. Portanto, não serão observados pontos técnicos a respeito de estratégias de comunicação do comentarista, como o contato com a audiência, mas apenas as que se relacionam à nova forma de fazer futebol conforme o conceito de Silva. As características que serão exploradas e estão presentes na tipificação de Guimarães (2018), são:

- a) análise do jogo baseada em dados;
- b) aproximação com o campo do esporte;
- c) utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo.

4.5.1 A ANÁLISE DO JOGO BASEADA EM DADOS

Como dito anteriormente, Ruy Carlos Ostermann foi um precursor no uso de dados para embasar a opinião durante as transmissões. O uso de sua planilha fundou um novo perfil de comentarista, abandonando as opiniões que eram baseadas em impressões pessoais na sua maior parte. Entretanto, o método de Ostermann se tornou insuficiente ao passo que a tecnologia avançava e com ela a demanda por informações mais rigorosas.

Mesmo que pudesse coletar alguns dados durante a partida para tirar conclusões - como relacionar o número de chutes com a maior possibilidade de um dos clubes abrir o placar -

alguns critérios ainda apresentavam falta de rigor. Um exemplo comum eram as nuances entre as chances de gol - chance comum ou chance clara - que ainda eram organizadas a partir de critérios subjetivos do comentarista. Além disso, havia a impossibilidade prática de obter alguns dados que hoje são comuns, como a posse de bola, a qual um comentarista não pode quantificar de forma precisa apenas baseado em sua observação ocular. A falta de rigor não “aposentou” a planilha, mas fez com que nela fosse aberto mais espaço para novos dados que o comentarista não conseguia coletar sem ajuda eletrônica.

A nova tecnologia de coleta de dados por meio de softwares especializados, tipicamente utilizados e desenvolvidos dentro do contexto do campo do futebol, começaram a ser utilizados e modificaram a estrutura do comentário esportivo. As coletas de dados seguem dois tipos de análise do jogo que são dominantes no futebol moderno, a análise tática e a análise de desempenho.¹ Atualmente é possível analisar a partida da equipe a partir de mapas de calor e relacioná-los com outro programa que dispõe a formação tática da equipe, assim como analisar a performance de um atleta específico a partir de critérios diversos - distância percorrida, área do campo abrangida, passes certos etc. A disponibilidade desses dados aproxima o comentário da concretude dos fatos do jogo e distancia os fatos da opinião romantizada característica da fase da crônica esportiva. Alguns desses dados são coletados pelos clubes a partir de tecnologias específicas, o que explica o crescimento do mercado voltado para esse viés. Há cada vez mais empresas que oferecem a terceirização da coleta de dados e a inferência a partir destes dados, assim como a popularização da função de analista de desempenho individual, que é contratado por jogadores buscando melhorar suas performances. Algumas dessas empresas disponibilizam esses dados especializados de forma gratuita na Internet, conforme as presentes no quadro:

Quadro 2: Sites que oferecem serviços de coleta de dados

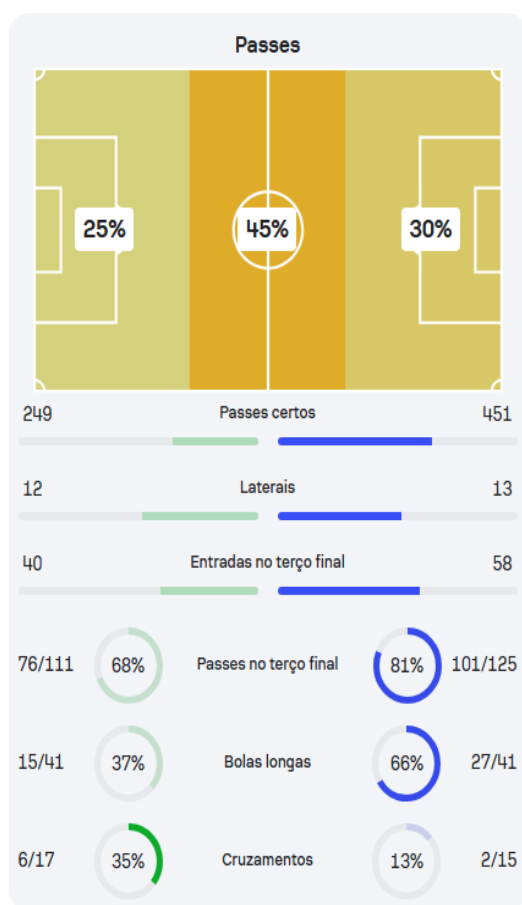
Nome	Especificação	Endereço eletrônico
Sofascore	Site focado em análise de desempenho	www.sofascore.com
Wyscout	Site focado na análise de desempenho, tática e de mercado	wyscout.com
Footstats	Site focado em coleta de dados das partidas	footstats.com.br

¹ Ambas serão abordadas no subcapítulo intitulado “O campo do futebol sobre o campo jornalístico”, em que descrevo algumas expressões típicas do campo científico do futebol.

Fonte: Autoria própria

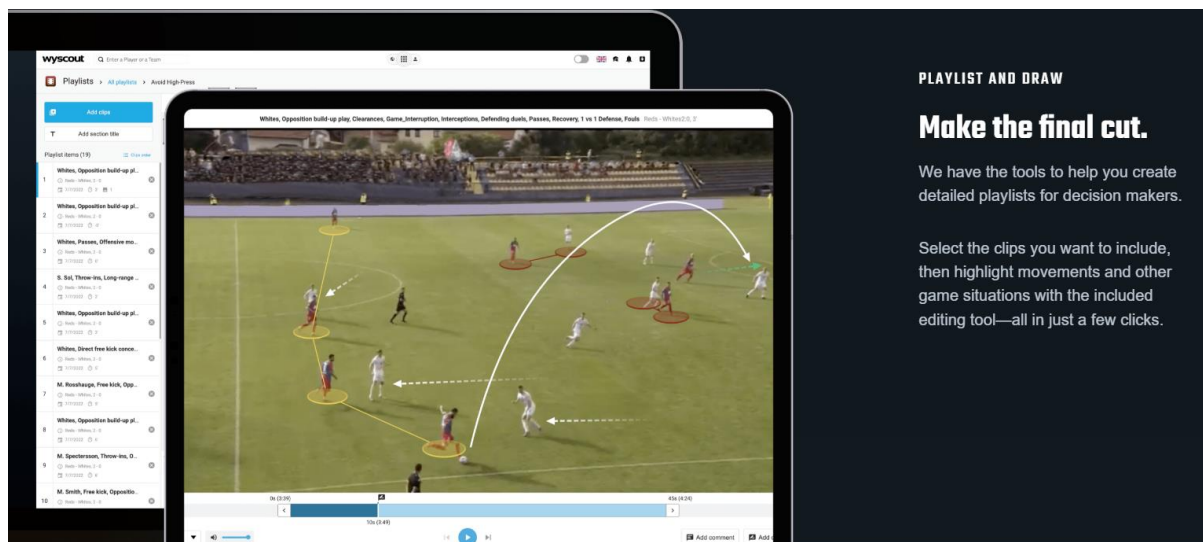
Foram escolhidos esses sites para exemplificar os serviços de coleta de dados que são disponibilizados no mercado de dados do futebol, no sentido de apanhar os diferentes tipos de serviços que fazem parte desse mercado. Os dados do Sofascore e o Footstats são disponibilizados de forma gratuita na Internet a partir dos seus sites. Entretanto, o Sofascore oferece serviço de parceria especializada para os clubes com o objetivo de coletar e destacar os dados dos clubes para os usuários da plataforma. No caso do Wyscout, é uma plataforma paga que oferece um serviço sofisticado das ações que ocorrem no campo - tanto de forma individual como coletiva. A seguir, coletei figuras dos sites para exemplificar os dados que são disponibilizados e como são ilustrados nas devidas plataformas:

Figura 1: Dados sobre os passes trocados pelas equipes Grêmio e São Paulo na partida ocorrida em 01/12/2024



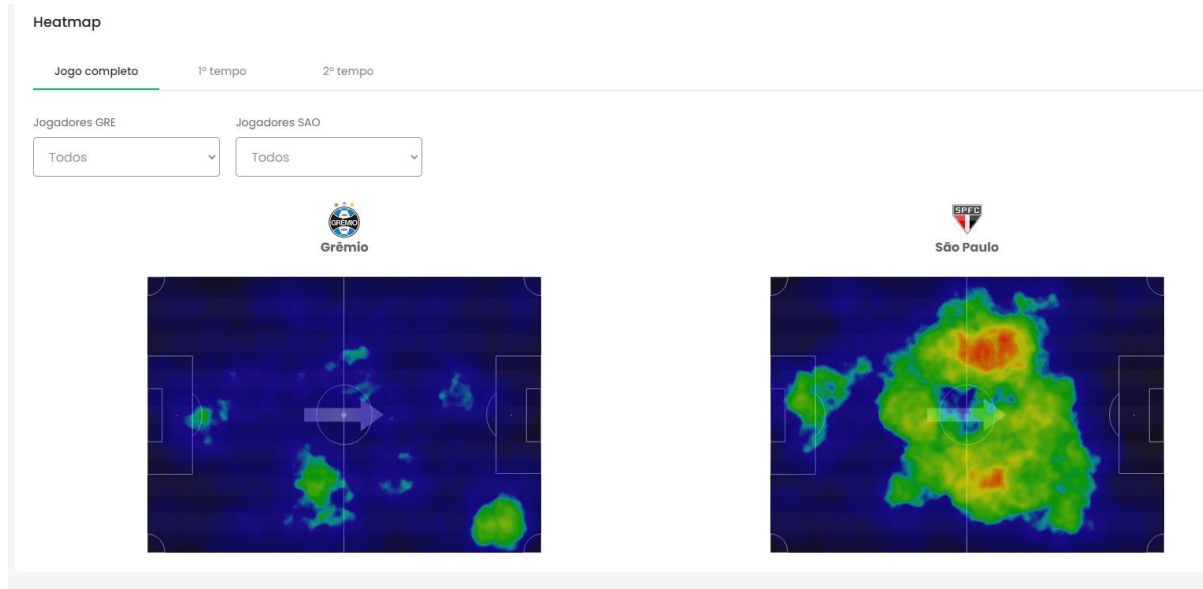
Fonte: Sofascore

Figura 2: Software oferecido pelo Wyscout para análise tática e de desempenho



Fonte: Wyscout.com

Figura 3: Mapa de calor de ambos dos times Grêmio e São Paulo na partida do dia 1/12/2024



Fonte: Footstats

A valorização desses dados no campo científico do futebol e sua absorção pelo comentarista aponta para a próxima característica do comentarista contemporâneo de Porto Alegre: a proximidade com o campo do futebol.

4.5.2. FUTEBOL MODERNO: CONCEITO SOCIOLÓGICO

A apreensão de dados pelos comentaristas tem como pressuposto básico a produção desses dados e seu contexto. Inicialmente para ter um melhor panorama sobre o

desenvolvimento da prática científica no meio do futebol, é necessário fazer uma contextualização das modificações no campo do futebol que transformaram o modo de entendimento do esporte. Esse processo é descrito por Silva (2022), em uma tentativa de relacionar essas mudanças ao que se chama de *futebol moderno*.

Dentro da produção acadêmica sobre o futebol, a noção de futebol moderno gera muitos debates. Muitas vezes o conceito é ligado às definições por parte de torcedores, que sentem uma mudança na sua relação com os clubes e a experiência do futebol e atribuem ao “futebol moderno”. Mas também por questões teóricas, em que indicam não ser correto determinar essa fase futebolística ou algumas de suas particularidades como “futebol moderno”, já que o futebol é um produto da modernidade e necessitariam de critérios mais rígidos para que não seja redundante. Nesse panorama, a dissertação de Silva (2022) inova ao tentar dotar de sentido sociológico o que poderíamos chamar de futebol moderno na atualidade, tentando relacionar a expansão do *ethos* capitalista como uma transformação estrutural no mundo social que teve efeito no mundo do futebol, dando maior ênfase na mudança da razão de ser do clube e seus efeitos dentro do campo.

No seu trabalho, Silva primeiramente discorre sobre o desenvolvimento dos jogos com bola até a criação do futebol, sempre contextualizando o sucesso desses esportes à sociedade moderna da época. A contextualização histórico-social é elemento central no argumento do autor, no sentido de pontuar uma relação dialética entre as mudanças vistas no futebol contemporâneo com as transformações sociais que o acompanham, porém equilibra ao ressaltar que não enxerga essa relação com determinismo, ressaltando que algumas mudanças do futebol podem ter ocorrido por relações internas do seu próprio campo. O principal ponto usado como contexto no trabalho do autor é o desenvolvimento do capitalismo, seu efeito nas relações sociais e, conseqüentemente, no futebol. Como o capitalismo foi mudando de forma, de uma forma embrionária industrial para outra mais capilarizada de ideologia neoliberal, as relações sociais foram acompanhando essas mudanças e sendo permeadas pelas lógicas próprias dessas ideologias. O futebol acompanhou esses processos e também foi se adaptando a essas lógicas, modificando o estilo de jogo, a formação dos plantéis e conseqüentemente a dinâmica de mercado e de mercadorização de jogadores - os processos subjetivos e objetivos que envolvem a mercadorização dos futebolistas é bem delineado por Damo (2005).

Feita a contextualização histórica, Silva interpreta as entrevistas de dois treinadores com carreira extensa no futebol, Ralf Rangnick e César Luis Menotti, dadas ao El País, utilizando a hermenêutica objetiva como método de análise. As entrevistas tratam das mudanças do papel

do treinador e do futebol que puderam notar no exercício dos seus cargos, no sentido de exemplificar como as mudanças estruturais citadas anteriormente se manifestaram nas práticas do futebol. Rangnick discorre bastante sobre o controle técnico-científico do jogo e seu impacto no perfil dos jogadores. De acordo com o treinador, o jogo está mais rápido do que era e é necessário que os *scouts* adaptem seus parâmetros para um perfil de jogador que se saia bem nesse modelo de jogo: deve possuir aptidão física para manter o ritmo alto e velocidade cognitiva para que o corpo responda rapidamente às ações do jogo. O treinador pontua que a individualidade e o imponderável do jogo perderam espaço pois não é possível reproduzi-los em série, demonstrando que o aspecto técnico do jogador já não é o elemento preponderante para que tenha destaque entre os outros. O lado lúdico no futebol perde para o domínio de um entendimento desencantado de futebol baseado na lógica técnico-científica de rendimento. Já Menotti vai na direção inversa: abomina as mudanças vistas no futebol. Identificando-se como um pessimista, Menotti entende as facetas do futebol de um ponto de vista mais social: o futebol como um esporte de pertencimento e construção de cidadania. Diante as novas dinâmicas, o treinador diagnostica que há um afastamento das massas do esporte e a mercantilização de tudo que envolve o fazer futebol como centro desse processo.

A partir do conteúdo das entrevistas, o autor apresenta uma adaptação de um conceito que caracteriza uma mudança estrutural capitalista ao mundo do futebol que é chave para sua análise: a *aceleração social do futebol*. Baseado no conceito de aceleração social de Rosa (2017), que acredita que a coerção por produção produz uma aceleração da vida social, Silva faz uma análise das mudanças narradas pelos treinadores no mundo do futebol e sua assimilação no jogo jogado. De acordo com o autor:

“[a] administração planejada da eficiência, própria ao modelo da empresa capitalista, foi transformada em premissa orientadora para a organização das equipes dentro de campo, fundamentada no princípio da otimização do rendimento, significado como um meio de maximização da produtividade do jogo, que se tornou um axioma para o fortalecimento das potencialidades competitivas das equipes.” (p. 118).

Dentro desse panorama, a importância dos aspectos físicos na escolha de jogadores e em seu treinamento corroboram a ideia de uma nova experiência social do tempo. Enxergando os fenômenos apresentados até aqui de forma total, o autor coloca que mesmo que o fenômeno das administrações de princípio racionalizador voltadas à eficiência esportiva tenham ocorrido anteriormente à fase neoliberal, esta trouxe aos clubes “[u]m princípio de um sentido técnico-científico, que teria como objetivo fundamental o controle da produção do jogo e sua

maximização segundo a lógica da otimização do rendimento” (Silva, 2022, p. 119) que afetou diretamente como o jogo é jogado dentro de campo.

A introdução desse conceito apresenta outra perspectiva sobre as mudanças nos conteúdos das opiniões dos comentaristas na caracterização de Guimarães. De certa maneira, enquanto Silva observa a partir das entrevistas dos técnicos como as mudanças sociais decorrentes da evolução processos de produção afetam dentro do campo do futebol, Guimarães analisa como estas transformações afetam os comentaristas, porém com enfoque no contexto das mudanças que ocorrem no campo da comunicação.

4.5.3. BOURDIEU E A NOÇÃO DE CAMPO: O SALA COMO ESPAÇO DE LUTAS SIMBÓLICAS

No item anterior vimos que o fazer futebolístico passou por um processo de reestruturação interna pela expansão do *ethos* capitalista e de ideologias neoliberais que culminaram na progressão do futebol para o que é entendido por Silva (2022) como sua fase “moderna”. O processo de *aceleração social do futebol* tem, de forma gradual, determinado como legítimas as práticas que têm como base a racionalidade técnico-científica de produção no campo do futebol. Com esse novo *ethos* consolidado, é cada vez mais comum escutar em programas de debates termos e pautas que se alinham com essas ideias. Interpretando a partir do método analítico de Bourdieu (1996), pode-se afirmar que as mudanças na estrutura no campo futebolístico reverberam no campo jornalístico, indicando um nível de influência entre um campo sobre o outro - uma *intersecção* entre os campos. Essa relação próxima entre os campos provoca que algumas estruturas do campo do esporte sejam mais ou menos incorporadas pelos comentaristas, que a reproduzem ao mesmo nível que a apreendem, causando rupturas com as práticas de análise consolidadas.

Para que esse processo seja entendido, é necessário detalhar a definição de campo e suas dinâmicas próprias internas que são desenvolvidas na obra de Bourdieu. Para pensar na noção de campo, é necessário ter em conta a conotação relacional no conceito. O campo é um espaço social onde se pensa relacionalmente as relações de força, de conflitos e de dominação entre os indivíduos que participam do *jogo* desse espaço. Dentro do campo é jogado um “jogo social”, de acordo com Saint Martin (2023):

O campo é “um jogo social” construído pelo sociólogo que pode, assim, tentar construir um campo científico, um campo religioso, um campo da alta costura e até um campo do poder; todos regidos por suas próprias leis e produzindo interesses e capitais necessários

para seu sucesso (por exemplo, o capital cultural e o capital científico dentro do campo científico e o capital econômico dentro do campo econômico). (p. 4)

O capital tem como pressuposto a existência de um campo e de *posições possíveis* a serem alcançadas a partir do engajamento na busca dos capitais deste jogo. As posições são definidas relacionalmente uma com as outras, ou seja, uma posição só pode ser situada dentro do campo tendo outra posição como referência. Além disso, as posições dependem, na sua existência e distribuição dentro do campo, assim como nas determinações que impõem aos seus ocupantes, da sua elegibilidade atual e futura na estrutura das espécies de capitais (cultural, econômico, simbólico etc.) disponíveis que tornam possível a obtenção de lucros específicos dentro deste campo (Bourdieu, 1996, p. 261). Portanto, os capitais, em Bourdieu, são entendidos como trunfos ou recursos que são eficientes em determinados campos no sentido de buscar as *posições possíveis* de poder deste espaço. O engajamento na busca por essas posições é chamado de *tomada de posição*, conceito que é crucial para este trabalho. As tomadas de posição são ações mobilizadas pelos agentes que participam do campo no sentido de indicar sua posição dentro deste campo. Essas ações ganham sentido de acordo com seus capitais e sua posição objetiva no campo - portanto, relacionada às outras posições possíveis. Neste sentido, algumas das ações podem ser de manutenção do status quo, se o agente estiver em posição de dominação, de concorrência, se for dominado e disposto a redefinir sua posição, ou de solidariedade entre os concorrentes. É importante notar que estas ações ocorrem dentro da estrutura do campo e por isso apenas dentro de um leque de ações que são coerentes com a lógica deste espaço social. Mesmo que as ações sejam no sentido de criar concorrência, há uma concordância entre os que participam do campo sobre a natureza do jogo, como coloca Saint Martin (2023):

O campo supõe desafios e investimentos que são o produto da competição entre os jogadores. Se os jogadores se enfrentam vigorosamente nesse jogo é porque eles têm como ponto em comum o fato de conceder ao jogo e aos desafios – por exemplo, ao jogo intelectual ou ao jogo do poder – uma crença, um reconhecimento incontestável. A competição e a concorrência não excluem a solidariedade entre os concorrentes nem a cooptação quando se trata de defender posições. Todos os jogadores ou agentes que estão engajados num campo têm alguns interesses fundamentais em comum; a luta entre eles pressupõe uma concordância, entre os antagonistas, sobre o que merece ser disputado. (p.5)

Nesse sentido, apreender essas dinâmicas permite analisar as relações objetivas e subjetivas entre esses indivíduos ou grupos sociais que ali estão, assim como as relações entre os espaços que ali estão disponíveis e os tipos de relações que se estabelecem no campo do

jornalismo esportivo. O *Sala de Redação*, nesse sentido, é aqui entendido como um espaço estruturado pelo campo do jornalismo esportivo. Como já colocado, o Sala de Redação tem o tom informal à moda “conversa entre amigos” como modelo de programa. Aliado a isso, é um programa com maioria de jornalistas formados na fase do comentário do jornalismo esportivo, portanto com distância em relação ao campo esportivo do “futebol moderno” e suas lógicas. Essa unicidade de perfis pode ser interpretada como integrantes com posições análogas que, mesmo em conflitos acerca do conteúdo das discussões, mantinham relações de solidariedade a fim da manutenção das práticas do fazer comentário naquele espaço. Ultimamente, com a consolidação do campo do esporte, comentaristas alinhados com ideias e lógicas deste campo têm ganhado espaço no programa e desafiando lógicas que imperam entre os participantes alinhados com o fazer comentário “do passado”. Comentaristas com novas certificações e consumidores do que se chama o *futebol moderno*, mais familiarizados com os debates mais cientificizados do futebol (como táticas modernas e conhecimento dos departamentos científicos), enquanto os mais antigos se valem de argumentos que recorrem ao futebol-arte focado na técnica e ao lúdico do esporte, tem criado disputas sobre as representações de futebol apresentadas no programa. Essas posturas evidenciam disputas simbólicas no interior do campo, onde se busca legitimar ou transformar as regras que definem o que é considerado um comentário esportivo legítimo.

A importação dos conhecimentos do campo do esporte, que gradualmente se consolidam como caros à prática do futebol em diversos níveis, consistem na utilização de gramáticas próprias e preocupações com diferentes aspectos em relação ao que é normalmente exposto por comentaristas mais alinhados com “o passado” ou menos alinhados com a ideia total de futebol moderno. Sendo assim, o uso desses conhecimentos de forma mais agressiva poderia causar um deslocamento de preocupações nas avaliações dos comentaristas, o que acarretaria mudanças estruturais na oferta de posições possíveis dentro desse espaço social e conseqüentemente os meios para alcançá-las. Nesse sentido, o ingresso de “profissionais” e “estudiosos” do futebol no *Sala de Redação* representa a legitimação de capitais típicos do campo do esporte dentro campo jornalístico - possibilitando a abertura a esses novos saberes como uma modificação nos capitais legítimos desse campo e remodelando a estrutura hierárquica entre os perfis de comentaristas no programa. Nesse sentido, o *Sala de Redação* será entendido como um espaço onde os comentaristas *tomam sua posição* no campo do jornalismo esportivo a partir das suas avaliações sobre os tópicos levantados, a fim de analisar se a presença do comentário esportivo

contemporâneo causa rupturas suficientes a ponto de modificar os capitais legítimos e garantir sua posição nesse espaço.

4.5.3.1. O CAMPO ESPORTIVO SOBRE O JORNALÍSTICO

Em frente às mudanças propostas por Silva (2022), o campo do futebol adota um formato técnico-científico pela necessidade de maior produtividade imposta pela ideologia neoliberal. A adoção desse modelo pressupõe a evolução e conseqüentemente a produção científica sobre aspectos diversos do jogo, formando conceitos e conhecimentos específicos do campo do futebol. Os conceitos geralmente se referem a aspectos coletivos do jogo, o que nas fases anteriores do comentário esportivo não tinham espaço, visto sua predileção por análises que primavam por aspectos técnicos e individuais, mas também pelo estado embrionário do campo científico do futebol da época. Atualmente, estes conceitos vêm sendo utilizados por jornalistas que possuem maior contato com o campo futebolístico. Ainda que alguns poucos conceitos já fossem utilizados nas outras fases do comentário esportivo, a evolução do campo científico do futebol fez com que alguns deles mudassem de sentido, como a diferenciação entre estratégia e tática.

Dentro desses conceitos, estratégia e tática de jogo são bastante utilizados durante a transmissão. Guimarães (2018), ao abordar a tese de doutorado de Garganta (1997), sugere uma diferenciação entre os dois:

[o] termo estratégia se associa a um "programa de princípios ou concepção do desenvolvimento do confronto", permitindo inferir que a estratégia é um processo que partindo de um conjunto de dados, define cenários, baliza os meios, os métodos e institui regras de gestão e princípios de ação. Já a tática, sendo um elemento integrante do próprio conteúdo do jogo, se realiza sobretudo quando a situação implica a adoção de passos intermédios (indiretos) para predispor os meios que viabilizem a obtenção do objetivo fundamental preconizado pela estratégia. (Guimarães, 2018, p.97)

A tática é a forma organizacional incorporada pelo coletivo para chegar à finalidade, e a estratégia seria o plano específico que a partida pede para que se chegue a essa finalidade. Como diz Guimarães (idem, p. 98), sendo aplicado à realidade dos comentários esportivos, “a estratégia é atacar pelo lado direito; a tática se refere à intenção do ataque através de triangulações entre lateral, meia e atacante.” Mais que a estratégia, o termo “tática” tem ganhado maior holofote nos comentários esportivos por representar termos organizacionais do time - devido à importância desse formato no futebol moderno. Um dos sentidos utilizados é o de princípio tático, entendido como disposições que os jogadores possuem para solucionar

problemas táticos de maneira rápida, que são adquiridas a partir de planificações teóricas sobre o jogo. Seriam as alternativas encontradas pelos jogadores para caso a identidade tática do time não esteja funcionando contra algum adversário.

O modelo de jogo é outro conceito que é caro à análise no futebol moderno que apresenta diferentes fases. O modelo de jogo seria como principalmente a equipe decidiu jogar a partida no sentido de chegar à sua finalidade. Passes curtos, cruzamentos largos, cruzamentos rasteiros, pressão alta, são conceitos utilizados para caracterizar os modelos de jogo do futebol moderno. Além disso, os modelos variam de acordo com as quatro fases da partida proposta por Saldanha (2014):

- a) *organização ofensiva*: o time está com a posse da bola e em posição de ataque;
- b) *transição defensiva*: o time perde a posse e se prepara para defender um contragolpe;
- c) *organização defensiva*: quando o adversário tem a bola;
- d) *transição ofensiva*: o time retoma a bola e se organiza para atacar.

O desenho tático é também um aspecto bastante avaliado por comentaristas, também conhecido como a *formação* da equipe. O desenho tático consiste na representação da distribuição dos onze jogadores em campo em uma sequência numérica. Os números são colocados de tal forma que apresente o plano de jogo do time a partir da defesa, como o famoso 4-3-3 e o mais utilizado atualmente 4-2-3-1.² Este conceito se tornou volátil recentemente pois é normal o desenho mudar conforme a fase do jogo que o time se encontra, o que instiga mais debate quando é diagnosticado que uma fase do jogo não funciona como deveria. Ao englobar esses conceitos, baseado em Cecconi (2013, *apud* Guimarães, 2018, p. 99), são propostos dois formatos de análise típicas do comentarista contemporâneo:

- a) *análise tática*: define a análise da distribuição do time em campo, avaliação da estrutura tática do time e de sua efetividade nas ações individuais e coletivas;
- b) *análise de desempenho*: busca avaliar elementos mais físicos e espaciais do jogo para fazer inferências - como mapas de calor (mapeamento da cobertura do jogador no campo), velocidade média dos jogadores, posse de bola, resistência - no sentido de determinar a

² Em ambas as formações há quatro zagueiros. No 4-3-3, além dos quatro zagueiros, interpreta-se que há três meio campistas e três atacantes. No 4-2-3-1, interpreta-se que há dois meio campistas mais recuados, três meio campistas mais ofensivos e um atacante. A última tem sido mais utilizada por ser considerada a formação que preenche mais os espaços do campo. Em Guimarães (2018, p.101) são apresentadas as formações mais famosas.

influência desses aspectos em diferentes fases e ações do jogo (consistência defensiva, velocidade da transição ofensiva etc.)

Ambos os tipos de análises são fundamentalmente baseados em dados, como explicado anteriormente no item do uso de análise de dados. Além da utilização dos dados produzidos pelo campo científico do futebol, a evolução do campo científico ligado ao esporte produziu nomenclaturas próprias no sentido de classificar as ações do jogo. Um movimento que é notado em comentaristas contemporâneos é a adoção dessas nomenclaturas em suas análises. Segue uma tabela com expressões que são normalmente utilizadas por comentaristas contemporâneos, como em Guimarães (2018, p. 100-102):

Quadro 3: Glossário do comentário contemporâneo

Termo	Significado
Amplitude	Durante o ataque, jogadores se distanciam horizontalmente de forma a aumentar a largura do campo e impedir que a defesa se feche sem dar espaços. Traduz-se por “abrir o jogo”.
Balanço	É quando o time fica atento para uma possível mudança na posse de bola. O balanço defensivo é como alguns jogadores se posicionam caso o time perca a bola quando ataca. Alguns chamam de “basculação”. O balanço ofensivo consiste num posicionamento prévio caso haja recuperação da posse.
Bloco	Quando uma equipe mantém suas linhas próximas de si
Carrillero	Lateral que, ao invés de buscar o movimento para a linha de fundo, investe em diagonal para o meio.

Construção	Saída de bola.
Compactação defensiva	Capacidade de uma equipe agrupar jogadores de forma a ocupar os espaços por onde o adversário ataca.
Compactação ofensiva	Capacidade de agrupar jogadores em um curto espaço no momento em que atacam
Direcionamento	Induzir o adversário a se movimentar para regiões que oferecem menos perigo
Jogo apoiado	Esquema em que o portador sempre conta com, pelo menos, dois companheiros oferecendo opções de passe.
Marcação alta/baixa	Sem a bola, as linhas de marcação se movimentam coletivamente em direção ao campo do adversário (alta) ou se postam mais próximas do campo defensivo (baixa)
Profundidade	Oferta de jogadores próximos ao gol do rival, empurrando a linha defensiva para o próprio gol. Quanto mais próximo do gol, mais profundidade.
Pivote	Quando um terceiro elemento (normalmente um volante) se junta à zaga para iniciar a construção da jogada.
Temporização	Capacidade de fechar espaços para obrigar o adversário com a bola a percorrer um trajeto maior até chegar ao gol. Com isso, retarda o ataque rival.

Fonte: Guimarães (2018, p. 99)

Dessa maneira, a aproximação do comentarista com o campo esportivo sugere que utilize as análises de desempenho e táticas para fundamentar seus posicionamentos sobre o jogo. Essa característica leva à próxima e última que é a utilização do jornalismo interpretativo.

4.5.4. A UTILIZAÇÃO DO GÊNERO INTERPRETATIVO

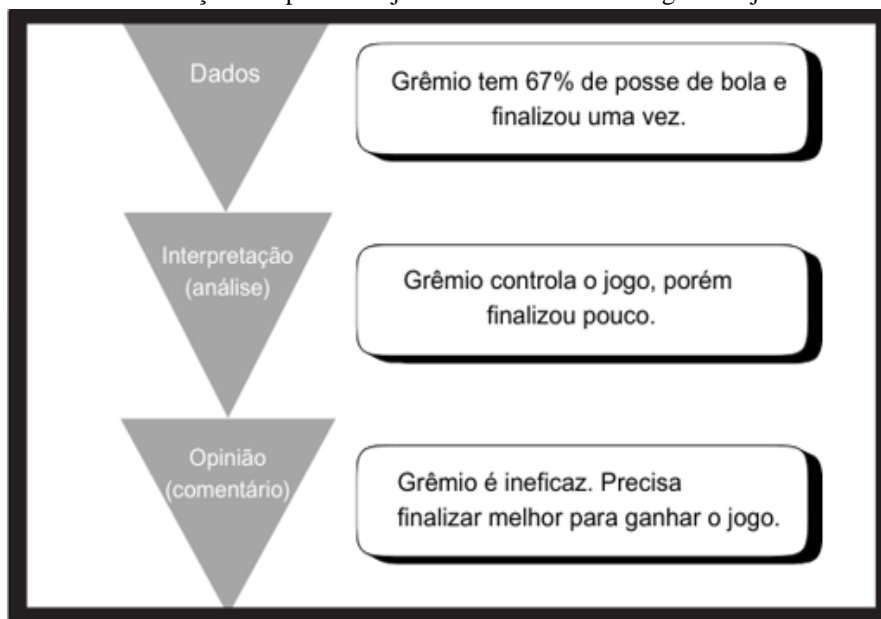
Dentro das tipificações propostas por Guimarães e Ferraretto (2016), o comentarista é uma posição que utiliza em sua maioria o gênero opinativo de jornalismo, tendo em vista que a função do comentarista é dar seu parecer sobre algum acontecimento da partida. Entretanto, a aproximação com o campo do futebol e o consequente aumento de informações disponíveis mudou a estrutura do comentário. Anteriormente o comentário era concebido de forma mais direta ao acontecimento em questão, mas com a disponibilidade de dados, este se tornou um intermediário entre o acontecimento/fato e a opinião final, o que aproxima o comentário do gênero jornalístico interpretativo.

De acordo com Ferraretto (2014, p.94), o gênero interpretativo de fazer jornalismo pressupõe um aprofundamento qualitativo do que é passado ao ouvinte, muito a partir da utilização de dados. Guimarães (2018, p. 108) faz a diferenciação entre análise e comentário que representa esse aprofundamento. De acordo com o autor, a análise “é um conjunto de operações que permitem definir os métodos de resolução de um dado problema”, enquanto o comentário “é um profissional participante, que possui opinião própria, mas atua como agente da notícia, realizando uma apreciação valorativa dos fatos.” A análise é a interpretação dos dados que são utilizados para repassar a informação e o comentário é a opinião emitida a partir desses dados. Nesse panorama, a análise é colocada dentro do gênero interpretativo, enquanto o comentário é do gênero jornalístico opinativo.

A aproximação com o campo do futebol e consequentemente a maior utilização dos dados disponíveis faz com que o comentarista contemporâneo faça mais análises do que era feito nas outras fases. Normalmente há nas transmissões um repórter plantonista que filtra os dados e os apresenta aos comentaristas no intuito que eles façam sua análise, mas agora também parte do próprio comentarista a busca por esses dados nos sites e plataformas que os disponibilizam. É necessário, entretanto, afirmar que a análise e o comentário como foram apresentados anteriormente não são processos excludentes, o que aponta para a coexistência dos gêneros opinativo e interpretativo nas opiniões do comentarista contemporâneo. Sendo assim, a fase do comentário faz parte da construção da opinião final do comentarista

contemporâneo, porém é antecedido pela análise aos dados que o comentarista foi exposto, como mostra a figura a seguir:

Figura 4: fluxo de formação da opinião do jornalista de acordo com gêneros jornalísticos



Fonte: Autoria própria

Portanto, a coexistência dos gêneros opinativo e interpretativo representa a mudança na estrutura do comentário, o que é importante para o que este trabalho propõe. Esta é a última característica da tipificação dos comentaristas esportivos de Porto Alegre, conforme Guimarães (2018). A partir das tipificações e suas contextualizações, agora será apresentado a metodologia que será usada para a análise dos programas escolhidos.

5. ANÁLISE DOS PROGRAMAS

5.1. PROGRAMA #1

Neste programa, que ocorreu no dia 11/07/2024, são debatidos os problemas apresentados pelo técnico na sua passagem que levaram a sua demissão. Dentro desse panorama, se fala bastante sobre as decisões que a direção terá de tomar e os problemas estruturais que o time apresenta, principalmente em relação ao jogo contra o Juventude que culminou na demissão do técnico. Participam no programa ao todo 7 integrantes, que são: Pedro Ernesto Denardin, Leonardo Oliveira, Guerrinha, Vaguinha, Diogo Olivier, César Cidade Dias (CCD) e Maurício Saraiva.

5.1.1. GESTÃO

5.1.1.1 Análise baseada em dados

Falando sobre a gestão do Internacional, há pouca referência explícita a dados objetivos ou métricas que sustentem as opiniões emitidas. A análise é predominantemente qualitativa, baseada em percepções pessoais, experiências e exemplos históricos. Leonardo Oliveira menciona um contexto de instabilidade no vestiário e a falta de entrosamento entre jogadores como justificativas para a demissão, além de uma contextualização de resultados que teriam marcado a piora do time, mas não apresenta indicadores ou dados concretos sobre desempenho ou produtividade. Da mesma forma, Pedro Ernesto toca na ausência de um vice-presidente de futebol como um problema estrutural, mas sem dados que mostrem impacto quantitativo da falta desse profissional. Portanto, a utilização de dados não foi encontrada em nenhuma fala sobre gestão nesse programa.

5.1.1.2 Aproximação com o campo do esporte

Nesse quesito, as falas apresentam aproximação com o campo do esporte em alguns momentos, principalmente em argumentos baseados na lógica e funcionamento interno do futebol, com destaque para a fala de Leonardo Oliveira. Há forte uso de termos próprios do campo esportivo, como "filosofia de jogo" e "projeto de trabalho" pelo comentarista. A crítica feita à troca de técnicos e o destaque ao "projeto de longa duração" refletem uma visão alinhada ao debate técnico e organizacional moderno, embora não haja um aprofundamento técnico-científico:

Leonardo Oliveira: É, a decisão mais fácil é trocar de técnico. A estrutura não estava... Eu sou contra trocar de técnico. O projeto estava em andamento. Tu tem um projeto, tem que seguir o projeto, faz as correções que são necessárias. Eu sou contra trocar de técnico. Pedro pergunta: Quantos jogos bons tu viste o Inter fazer este ano?

Leonardo Oliveira: Eu vi o jogo contra o Palmeiras. Eu vi o grenal, o grenal do 3 a 2. É.. O gauchão, mas tem todo o desconto que nós temos que dar para o gauchão. Eu acho que o Inter começa a descarrilar, eu acho que disse isso aqui na terça-feira, no jogo contra o Juventude (o da eliminação). Ali começa uma instabilidade forte no vestiário, o vestiário fica com fissuras que não consegue ser totalmente fechadas e tudo vem a desaguar na noite de ontem também contra o Juventude.

Pedro Ernesto: Piorou o que fez ontem em relação ao que fez no campeonato gaúcho?

Leonardo Oliveira: É, e tem todo um contexto né, Pedro. Contexto de contar com os jogadores: o Alan Patrick, o Enner Valência e o Borré tiveram um jogo e meio juntos. Mas enfim, a solução mais rápida é trocar o técnico. Uma solução comum no futebol brasileiro. Não é o que o Inter se propôs. O Inter que tinha um projeto, tinha um projeto de trabalho de longa duração, trabalho de longo prazo, de apostar numa filosofia de jogo. (Denardin; Oliveira, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Diogo Olivier aborda os temas de rendimento e processos e questões de ambiente no vestiário como determinantes para a demissão de um técnico, além da questão das relações humanas, que é uma dimensão da gestão esportiva, indicando que as relações humanas também influenciam decisões gerenciais. A fala do comentarista vai ao encontro à ideia de que o trabalho é um processo que deveria ser interrompido em um certo contexto específico, porém em tom de lamentação afirma não é a cultura do futebol brasileiro. O vocabulário aponta para uma aproximação com o campo do esporte, porém de maneira mais branda que o comentarista anterior:

Diogo Olivier: Eu só acho o seguinte, eu mantenho minha opinião, eu acho que é sempre ruim trocar de técnico no meio do caminho, ainda não temos a cultura de ir até o final do processo e depois fazer a vírgula (...) a única vírgula que tu pode fazer, é a seguinte: quando tu tem uma questão de ambiente. Porque daí tu vai pra relações humanas, não vai tanto para rendimento. E aí realmente fica complicado. Só que assim, se realmente era errado no passado demitir o Mano Menezes no meio do caminho, hoje é errado demitir o Eduardo Coudet. Se estava certo demitir o Mano lá, está certo demitir o Coudet aqui. (Olivier, 2024, transcrição de programa radiofônico)

No entanto, há comentaristas que se distanciam da lógica do debate técnico e estrutural, como Guerrinha que cita exemplos do mercado, como Dorival Júnior, para ilustrar a irrelevância de tempo e adaptação nos resultados:

Pedro Ernesto: Guerrinha, a decisão do Inter tomada ontem?

Guerrinha: Correta, Perfeita. Um time de futebol tem que ter produção para ter resultado. Não fui eu que inventei isso: *isso é o futebol*. O Internacional não tem produção e nem tem resultado. Bom, aí tu vai procurar uma solução. Faz aí na RBS: o “cara te dá uma missão pra ti produzir e ele quer resultado. Tu não produz e o resultado não vem, tu sabe o que acontece? Tu vai no RH... E tu vai no RH com o salário muito abaixo do que ganhava o treinador do Internacional(...) Acho que o Internacional vai correr mais semana que vem na Serra. Eu tenho a desconfiança que o vestiário não estava mais ‘engolindo’ o treinador(...) “Ah, mas técnico de futebol precisa de tempo. Sim, o Dorival Júnior me

provou isso no São Paulo: campeão da Copa do Brasil com 4 meses (de trabalho). (Denardin, Filho, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Mesmo que utilize alguns termos como “produção” e “resultado”, estes não se encaixam na visão moderna do trabalho no futebol, pois se referem apenas aos resultados obtidos, e não aos processos para obtê-lo. CCD também segue nessa linha, ao genericamente avaliar os processos unicamente a partir dos resultados, sem maiores detalhes do funcionamento da estrutura colorada. Portanto as avaliações não parecem estar embasadas na visão técnico-científica característica do comentarista contemporâneo:

CCD: Vou dar meu pitaco no Inter aqui, Pedro. O treinador do Inter só caiu porque as coisas não estavam funcionando. E o futebol tem uma máxima que, aí podemos levar pro Grêmio, que é achar que está tudo bem quando não está tudo bem. Quando tá tudo bem, o resultado curiosamente aparece. Ele não é aleatório. O resultado é a consequência do teu trabalho. Ontem, por exemplo, vimos um Inter ser amplamente dominado pelo Juventude, que manteve praticamente o mesmo time do campeonato gaúcho. (Dias, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Da mesma forma, Pedro Ernesto apresenta um contraponto sobre a importância das figuras históricas e sua influência direta na gestão do clube, o que na sua opinião não vem ocorrendo no Internacional. Entretanto, a abordagem é baseada em anedotas e histórias, sem análise técnico-científica:

Pedro Ernesto: Eu vejo uma outra coisa, Guerrinha. Eu vou te dar alguns exemplos (...) Estou te lembrando figuras históricas, tem Dallegre, tem Fernando Carvalho, passou por ali também, o Internacional hoje não tem um vice de futebol. Porque o Felipe Becker só fica segurando camisa quando apresenta jogador. (Denardin, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Maurício Saraiva segue no mesmo tom, ao justificar a demissão por falta de qualidade do comando do Internacional:

Maurício Saraiva: “O que o Inter não conseguiu encontrar, especialmente no Inter que acaba de demitir um treinador, é encontrar um jeito de fazer esses jogadores serem obedientes a quem estiver no comando. Mas aí também é preciso que o comando seja bom e este recente do Inter, não era.” (Saraiva, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Existe uma crítica genérica à qualidade da liderança técnica de Coudet em "este (comando) recente do Inter, não era (bom)", que reflete mais uma percepção subjetiva do que uma análise técnico-científica.

5.1.1.3 Utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo

As falas possuem caráter predominantemente opinativo, com pouca exploração de outros gêneros interpretativos ou informativos. Pedro Ernesto recorre a exemplos históricos e anedóticos, como a figura de Néelson Olmedo e a chegada de Telê Santana, demonstrando um viés mais narrativo. Maurício Saraiva sugere que o problema do Inter é a ausência de autoridade, mas não fundamenta o comentário com análises interpretativas mais amplas ou comparações técnicas, assim como CCD, que apresenta uma fala puramente opinativa ao não apresentar nenhum contexto ou referência.

Guerrinha faz uma pequena referência ao tempo de trabalho de Dorival Júnior para reforçar seu ponto de vista, o que o retira de uma posição puramente opinativa, porém não utiliza informações que ilustrem melhor sua opinião, o que o deixa mais próximo do gênero opinativo do que o interpretativo. Assim também é com a fala de Leonardo Oliveira e Diogo Olivier, que combinam características opinativas com traços do gênero interpretativo. Leonardo contextualiza os problemas enfrentados pelo Internacional ao mencionar lesões de jogadores-chave (Alan Patrick, Enner Valencia, e Borré) e a instabilidade no vestiário, mas sem desenvolver a análise de forma sistemática. Também Diogo Olivier se mantém no estilo opinativo ao estabelecer comparações entre decisões passadas (Mano Menezes) e presentes (Eduardo Coudet) apresentar informações que referendem sua opinião. Sendo assim, não há um aprofundamento analítico ou investigativo típico de gêneros jornalísticos mais técnicos.

5.1.2 JOGO

5.1.2.1 Análise do jogo baseada em dados

O uso de dados é observado em apenas uma fala, ainda que de forma bem limitada. Leonardo Oliveira menciona a média de idade do time (29 anos) como um fator que afeta a intensidade, porém não cruza com outros dados para fundamentar sua posição. A análise se desenvolve mais qualitativamente, focando na adaptação do técnico ao perfil do elenco. É a única abordagem diretamente numérica nos comentários sobre jogo nesse programa.

5.1.2.2 Aproximação com o campo do esporte

Neste código, é presente uma maior aproximação com o campo do esporte, já que as análises apelam para termos na linha do futebol moderno para avaliar o time do Internacional, assim como há avaliações sobre como a equipe se comportava na fase do jogo da transição

defensiva (“roubando a bola no ataque”). Leonardo Oliveira aborda a perda de intensidade do Inter, ligando isso a uma mudança de estilo de jogo focada no perfil físico e técnico do elenco:

Leonardo Oliveira: O time do Coudet de 2020 tinha uma característica que era assim (de trocar muitos passes): o Inter fez muitos gols roubando a bola no ataque. Era um time muito intenso, muito físico. Esse time, pelo perfil do grupo, ele não consegue ser intenso.
 Pedro Ernesto: Não, porque é uma velharia, né.....
 Léo Oliveira - O Inter jogou com média de idade de 29 anos. Como que tu vai ser intenso com esse grupo? Mas ele foi se adaptando, o Inter entregou o grupo e ele participou da montagem do grupo. (Denardin;Oliveira, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Há uma clara utilização de termos específicos do campo esportivo, como "intenso", referência à média de idade, "roubando a bola no ataque", esses conceitos refletem uma tentativa de conectar as características do elenco com o desempenho em campo, evidenciando uma compreensão de análise tática e de desempenho do jogo. Essa explicação é típica de análises técnico-científicas presentes no campo do futebol moderno. Já Guerrinha, explora a adaptação, na sua opinião acertada, do Coudet, que priorizou uma abordagem defensiva devido à incapacidade do time de roubar bolas e transitar rapidamente:

Sabe que aconteceu uma coisa com o Coudet, que ele não errou, ele acertou até. Eu reconheço isso. Quando ele sentiu que o time dele não tinha a intensidade que ele gosta de jogar, ele fechou o time. O Internacional era, até 2 ou 3 rodadas atrás, a melhor defesa do campeonato brasileiro. Porque ele sabia que o seu time não tinha a capacidade pra roubar a bola e sair na velocidade. Ia depender da individualidade lá na frente que também não funcionava. (Filho, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Mesmo que não tenha utilizado os termos típicos do campo esportivo e por isso se distancie das práticas do comentário esportivo contemporâneo, a análise indica a apreensão de algumas lógicas ao ir encontro da análise tática característica dos comentaristas contemporâneos ao avaliar as diferentes fases do jogo e como a sua eficiência pode mexer com as estratégias da equipe.

Diogo Olivier aborda a inconstância do rendimento coletivo da equipe e sua relação com a constante troca de técnicos, associando ao modelo de jogo e à falta de produção no campo, porém não há uma avaliação técnico científica:

Os melhores momentos do Inter, no ano passado e nesse ano, é quando os jogadores entram no meio do caminho. O Mano Menezes assume depois de uma demissão, ele melhora o time, enfim e tal. E aí depois começa o ano, pré-temporada e não mantém, pensando o futebol de outro jeito. O Eduardo Coudet é a mesma coisa: ele pega no meio do caminho, dá um bom rendimento e aí depois com o tempo, não rende. Os dois foram demitidos pelos mesmos motivos. Em termos de rendimento e resultado, o Inter foi decrescendo. O Inter não conseguiu apresentar produção, a parte coletiva. Não conseguiram e por isso foram demitidos. (Olivier, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Mesmo que faça uma menção à coletividade do jogo, Diogo se distancia do campo do esporte ao não detalhar os processos que justificariam o decréscimo de produtividade e recorrer a anacronismos. Maurício Saraiva também se apresenta um pouco distanciado do campo esportivo:

O grupo formado, é formado para o Coudet trabalhar o que pretendia trabalhar. Thiago Maia, Borré, Valência, Fernando, Wesley, esses jogadores todos têm uma vocação: são jogadores de boa qualidade ofensiva. O Coudet recebeu um time com capacidade técnica. O que ele não tava conseguindo fazer, aí minha crítica não é do Inter pós enchente com todos os descontos que merece, o Internacional pré-enchente jogava pouco. O Inter pré-enchente empatava no Beira Rio com o Atlético Goianiense. O Inter pré-enchente não teve a única vaga direta do grupo da Sul-Americana, que tinha Delfin, Tomayapo e Belgrano. (Saraiva, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Este faz uma avaliação do perfil ofensivo de alguns jogadores do Internacional que o técnico Coudet tinha à disposição - e na sua opinião não conseguiu retirar o máximo do seu potencial – relacionando-os com o modelo de jogo do treinador, porém, diferente de Leonardo Oliveira, não apresenta maiores justificativas para sua opinião além dos resultados das partidas.

5.1.2.3 Utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo

A estrutura das falas continua predominantemente opinativa com momentos que se aproximam do gênero interpretativo. Leonardo Oliveira contextualiza ao fazer sua análise sobre a relação entre desafio de possuir uma equipe com média de idade alta com o desempenho em campo, avançando além de uma fala puramente opinativa. Maurício Saraiva insere uma crítica ao desempenho antes e depois de um evento contextual (a enchente), destacando a falta de resultados consistentes mesmo antes do evento que prejudicou o clube, o que aproxima sua fala do gênero interpretativo. Diogo Olivier e Guerrinha seguem o comentário de predominância opinativa, ao basear suas opiniões em impressões pessoais.

5.2. PROGRAMA #2

As falas abordam a questão ética da aproximação entre o Internacional e o treinador Roger Machado, que à época estava no Juventude, às vésperas de um confronto eliminatório entre os dois clubes pela Copa do Brasil. A análise explora as interações entre clubes, treinadores e dirigentes, destacando as implicações éticas e financeiras envolvidas no caso.

Neste programa participam: Pedro Ernesto Denardin, Luciano Potter, Maurício Saraiva, Diogo Olivier, César Cidade Dias, Cristiano Munari e Guerrinha.

5.2.1 GESTÃO

5.2.1.1 Análise baseada em dados

Neste conjunto de falas, não há utilização de dados quantitativos para fundamentar os argumentos, principalmente pelo debate ter sido em sua maior parte relacionado a questões éticas, mas há o uso de informações contextuais que conferem peso às análises. Cristiano Munari menciona a participação de Alessandro Barcellos no movimento *Forte Futebol* e a parceria entre Inter e Juventude como informações para discutir a questão ética, mas não explora dados estruturados ou métricas financeiras³. César Cidade Dias destaca a disparidade econômica e estrutural entre os clubes como um ponto de reflexão, apresentando um componente relevante, mas sem embasamento em dados objetivos. Portanto, não foram utilizados dados nas falas que tratam da gestão do clube neste programa:

Com todo respeito ao Juventude, Inter e Juventude não estão no mesmo degrau. Então se a relação Roger e Inter, se vier a ter algum tipo de relação, é uma relação que.. Eu vou fazer um questionamento pra vocês unicamente sobre dinheiro, depois a gente até entra na ética. Porque eu não vejo problema (ético) mas acho uma discussão boa (...) Falando do ponto de vista financeiro (...) não dá pra pensar, gente. É verdade que tem um jogo no meio do caminho? É verdade, mas dentro dos planos do Juventude e do Inter, esse jogo do meio do caminho é quase nada. Quando tem tamanha disparidade, não é que eu relativizo a ética, mas eu acho que as discussões não são nesse patamar. (Dias, 2024, transcrição de programa radiofônico)

5.2.1.2 Aproximação com o campo do esporte

A análise das falas revela um diálogo com a lógica profissional do campo esportivo, especialmente no que diz respeito às práticas de mercado e à ética nas relações entre clubes e treinadores. É preciso dizer, primeiramente, que mesmo que as falas tenham de certa maneira algum contato de conhecimento das lógicas internas do campo do futebol, a perspectiva remonta a um debate antigo dentro da academia sobre a profissionalização da gestão do futebol no país (Helal, 1997; Mayor, 2017), portanto não é necessariamente uma pauta de origem do *futebol moderno*, mas pode ser cara ao comentarista contemporâneo se abordar aspectos de natureza empresarial que foram apontados por Silva (2022). Nesse sentido, Maurício Saraiva considera antiética a aproximação com Roger pelo fato de que o treinador ainda enfrentaria o Inter em um jogo decisivo, demonstrando preocupação com as normas de conduta no futebol:

³ Fala será reproduzida no próximo item (aproximação com o campo do esporte)

Eu estou partindo de uma informação que você está trazendo e antes ainda, o nosso Vaguinha trouxe, e estou dando fé na informação do Vaga. Então eu posso fazer um preâmbulo que é: partindo do princípio de que essa informação é verdadeira, é antiético procurar um treinador que daqui a dois ou três dias pode eliminar você de um campeonato. É muito antiético. Eu não concordo com isso, talvez por isso eu nunca vá ser dirigente. (Saraiva, 2024, transcrição de programa radiofônico)

A análise reforça a visão de que a gestão esportiva deve ser regida por padrões éticos e valores, algo que deve se sobrepôr à busca por resultados e se conecta à perspectiva que o futebol como um campo que exige *profissionalismo*, pautas comuns à discussão de profissionalismo antes referenciada. Já Luciano Potter, relativiza a questão ética, contextualizando a prática como típica do mundo do futebol, ao pontuar dirigentes como profissionais que precisam estar sempre em monitoramento nesse tipo de situação. Interessante notar que ambos se referem ao mundo do futebol como um espaço de *profissionais*, porém avaliam de forma diversa os meios aceitáveis que estes profissionais dispõem para alcançar seus fins. Maurício acredita que a ética aplica uma coerção que reduz os caminhos aceitáveis para as ações dos profissionais, enquanto Potter a relativiza, multiplicando estes caminhos. Isso reforça a naturalização de certas dinâmicas do campo esportivo como o pragmatismo sobreposto a questões éticas:

[N]a verdade, entra a complexidade de como essa informação chegou para o Roger. Acho que pode ser mais mais ético ou menos ético, Maurício. Mas sempre com uma dúvida, na ética. Por exemplo assim: o Inter vai até o empresário do Roger e pergunta se ele “toparia” treinar o Inter.

CCD - E tu acha errado isso?

Luciano Potter - Não, eu acho que é do futebol. Acho que isso acontece muito mais do que a gente imagina. Acho que não existe acabar o namoro e começar o novo. (...) Uma vez um amigo, que era dirigente, me disse que com treinador é como pilotar um helicóptero: tu tem que estar sempre procurando onde pousar. O dirigente tem que sempre, naquela semana, ter o treinador que ele vai ter que buscar. Porque alguém pode vir buscar teu treinador. Uma vez o Corinthians tirou o Nelsinho do Inter. (Potter, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Embora a fala de Cristiano Munari trate de aspectos éticos da gestão, ela se relaciona indiretamente ao campo esportivo ao discutir a cooperação entre clubes - o fato de as conhecê-las e reconhecer sua relevância o aproxima do campo - e o peso dessas cooperações como estratégia:

A gente não pode esquecer o seguinte: o Alessandro Barcellos, ele é um dos líderes do movimento Forte Futebol, que discute hoje o futebol brasileiro, e que o Juventude faz parte. O Inter e o Juventude são parceiros. Então acho que assim, dentro dessa questão ética que o Maurício fala, antes de ligar para o Roger, nesse cenário, ele deveria ligar para o presidente do Juventude; para o cara que te emprestou o estádio, para o cara que está no teu grupo discutindo direitos, ou espera o sábado para ligar para o Roger. (Munari, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Cristiano Munari sugere que, antes de procurar Roger, Barcellos deveria entrar em contato com o presidente do Juventude para avisá-lo do interesse no técnico do clube, o que

sugere que decisões de um clube que envolvam um clube parceiro devem ter tratamentos diferentes do ponto de vista estratégico, porém sem deixar de lado os interesses do Internacional. Essa fala remete a um entendimento empresarial de um clube de futebol.

5.2.1.3 Utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo

Embora a maioria das falas tenha caráter opinativo, algumas se aproximam do gênero interpretativo quando usam elementos informativos que contextualizam a opinião para justificar os argumentos, como no programa anterior. Cristiano Munari elabora sua opinião a partir do contexto institucional (parceria entre Inter e Juventude), sugerindo um comportamento mais ético tendo em vista a aliança estratégica entre os clubes. CCD inicia sua análise pelo aspecto financeiro antes de entrar na questão ética, explorando a disparidade econômica como um fator que diminui o peso ético do caso, porém não apresenta dados e parece se apoiar em seu notório saber para referendar a posição do Internacional ao buscar o técnico. Luciano Potter apresenta uma visão pragmática sobre o dilema em questão, tratando a ética como um aspecto flexível dependendo do contexto, diferente de Maurício Saraiva, que prima pela ética antes dos interesses do clube. Ambas as falas combinam observações práticas com exemplos ilustrativos, mas carecem de fundamentação em dados objetivos, permanecendo em um modelo de análise do gênero opinativo.

5.2.2 JOGO

As falas giram em torno do próximo confronto entre Internacional e Juventude. As abordagens são em maior parte sobre aspectos táticos dos dois times e estratégias possíveis de serem mobilizadas.

5.2.2.1 Análise do jogo baseada em dados

As análises se baseiam mais em experiência e percepção do que em dados objetivos como números relacionados ao desempenho do time ou da tática utilizada. Diogo Olivier e Pedro Ernesto discutem a superioridade técnica dos jogadores do Inter em contraste com o melhor desempenho coletivo do Juventude, mas a comparação é feita sem o suporte de estatísticas. Cristiano Munari utiliza em sua fala uma porcentagem sobre o gosto de determinado tipo de jogo por Roger, mas não é um dado exato, apenas modo de linguagem. Por isso, não será levado em conta como uso de dados na fala.

5.2.2.2 Aproximação com o campo do esporte

As falas dialogam diretamente com a lógica técnico-científica do campo do esporte, discutindo táticas, esquemas de jogo, porém se distancia ao explicar o jogo dentro de uma suposição dentro do âmbito psicológico. Cristiano Munari explora a adequação tática de Roger ao elenco do Inter, analisando as implicações do esquema preferido pelo técnico e os desafios de integrar jogadores de qualidade, mas com preferências de posição semelhantes. Essa abordagem demonstra uma compreensão técnica detalhada do jogo:

Pedro Ernesto: *Catedrático*, quem será o novo técnico do Inter? Vamos ver, e quais defeitos tu poderá colocar nele?

Cristiano Munari: Tudo indica que vai ser o Roger, né? A grande questão em relação ao Roger, começa no seguinte, em maneira de montar time: o Roger gosta de jogar, em 90% dos seus trabalhos, no 4-2-3-1. Nesse sistema o Alan Patrick vai ser o meia central, e vai jogar Borré ou Valência como centroavante. Para ter Borré e Valência juntos, um deles vai ter que ir pra ponta, jogar fora de posição....

Luciano Potter: Mas o Valência não pode?

Cristiano Munari: Quando o Mano (Menezes) colocou o Valência na ponta na estreia, lembra que ele reclamou?

Luciano Potter: É que ele tinha que voltar...

Cristiano Munari: É, se o Inter for marcar mais baixo (pode funcionar). Mas tem um desafio aí que é colocar para jogar esses três “caras” juntos, né? Porque esse elenco foi montado pro Coudet, que joga com dois atacantes e poucos treinadores jogam assim. O Roger não costuma jogar assim, o Pezzolano (ex-técnico do Cruzeiro que foi cotado para assumir o Inter) acho que não joga assim, não acompanhei muito o trabalho dele (...) Não é tão simples escalar os três, porque os três são muito bons, mas são três caras que jogam preferencialmente por dentro. Teria que criar um mecanismo atrás deles para sustentar. (Denardin; Munari, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Nota-se que Cristiano Munari utiliza vários elementos do campo do esporte e demonstra maior apreensão dos seus conhecimentos em relação à outros integrantes do programa. O desenho tático é abordado e relacionado com a característica dos jogadores à disposição. O pensamento relacional também se estende à característica dos jogadores entre eles próprios, de forma complementar ou a subtrair suas qualidades. Outro ponto é o uso de termos próprios do glossário do campo do esporte, como o *marcar baixo* e como essa ação pode afetar o time. Além da análise próxima ao campo do esporte, é interessante notar como Pedro Ernesto se refere a Cristiano Munari: *catedrático*. O apelido é utilizado no programa de forma sistemática, principalmente em momentos em que os comentaristas que se identificam com fases anteriores do comentário esportivo pedem uma avaliação mais minuciosa de aspectos do jogo - conferindo valor ao capital intelectual advindo do campo do esporte que o colega possui em maior volume. Esse apelido remete à representação de *estudioso*, remontando à imagem do sacerdote que vive dos livros, que os integrantes que aderiram a esse apelido têm de Cristiano Munari, o que parece ser uma característica de distinção dentro deste meio.

Diogo Olivier e Pedro Ernesto refletem sobre a diferença entre jogadores individuais e desempenho coletivo, reforçando uma visão mais próxima do futebol moderno ao marcar diferenças entre a qualidade individual (técnica), categoria de análise de maior prestígio entre as fases anteriores do comentário, de organização tática, priorizando uma avaliação coletiva, mais presente na fase contemporânea, na contramão do entendimento de César Cidade Dias:

CCD: Inclusive, acredito que o Inter elimine o Juventude independente disso.

Diogo Olivier: Tu acha que o Juventude é pior que o Inter?

CCD: Os jogadores são muito diferentes. (no sentido que os jogadores do Inter são muito melhores)

Diogo Olivier: Mas o time é uma coisa e os jogadores é outra, o futebol não é jogadores individualmente, não se joga sozinho.

Pedro Ernesto: Hoje como time, o melhor é o Juventude. Mas quem tem os melhores jogadores é o Inter.

CCD: O Inter tem mais time que o Juventude, agora tem o Valência.

Diogo Olivier: Mas o Inter tinha o Valência e perdeu para o Juventude.

(Dias; Olivier, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Já Guerrinha, enfatiza o impacto psicológico do jogo, sugerindo que a especulação sobre o futuro de Roger Machado pode servir como motivação adicional para o técnico no jogo do Juventude contra o Internacional. A análise do jogo voltada a aspectos emocionais, mesmo que tenha espaço no campo do esporte, está colocada de forma genérica em forma de suposição sem argumentos concretos que a fundamentem:

Se o Inter, e eu quero acreditar que, de alguma forma, o Inter tentou alavancar a contratação do Roger, na verdade, na prática, vai servir de estímulo para esse jogo pro Roger amanhã. O Roger amanhã vai baixar a biblioteca, não tenha dúvida.

Pedro Ernesto: O Inter deu um tiro no pé, então, é isso?

Guerrinha: É, eu acho, Pedro. Até porque o favorito do jogo é o Juventude, certo? Joga por dois resultados, está em casa, joga mais. Ele é o favorito do jogo. Bom, vai desmobilizar? Claro que não. O Roger vai chegar para eles e dizer: olha aqui, é a chance de vocês. Hoje vocês vão aparecer para o Brasil inteiro porque tiraram um (time) grande fora. Então o jogo de amanhã é muito psicológico. (Denardin; Filho, 2024, transcrição de programa radiofônico)

5.2.2.3 Utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo

As falas são predominantemente opinativas, mas algumas exploram elementos interpretativos ao relacionar aspectos técnicos com o desempenho esperado nos jogos. Cristiano Munari oferece uma análise interpretativa ao projetar o funcionamento do Inter sob o comando de Roger Machado, articulando modelos táticos e implicações práticas de como suas características podem se aplicar na organização da equipe. Pedro Ernesto e Diogo Olivier interpretam o cenário atual ao diferenciar o desempenho do time e a qualidade individual dos jogadores, porém não utilizaram dados ou informações que ilustrem melhor a opinião como fez Cristiano Munari. César Cidade Dias se aproxima do gênero interpretativo ao realizar uma

comparação entre os jogadores de Inter e Juventude, chegar à conclusão que o Internacional é melhor e assim inferir que têm mais chances de vitória. Mesmo que faltem elementos que melhor ilustrem seu argumento, o caminho remete ao gênero interpretativo.

Entretanto, Guerrinha segue o gênero estritamente opinativo ao realizar suposições sobre o comportamento mental da equipe do Juventude em relação à aproximação do Internacional sobre seu técnico.

5.3. PROGRAMA #3

5.3.1 GESTÃO

As falas abordam a dificuldade do Internacional em demonstrar coerência na sua estratégia no processo de contratação de um treinador. O debate explora desde a falta de convicção da direção até aspectos culturais e estruturais que afetam as decisões. Neste programa participam: Marcelo de Bona, Guerrinha, Luciano Potter, Cristiano Munari, Diogo Olivier, Maurício Saraiva e César Cidade Dias.

5.3.1.1 Análise de jogo baseada em dados:

Existem falas que abrem espaço para a utilização de dados na ilustração de seu argumento, como em Diogo Olivier, que aponta a demora na contratação, e Cristiano Munari, que traça uma ordem cronológica da troca de técnicos do Inter, mas as críticas não utilizam dados que ilustrem a sua opinião, permanecendo de forma qualitativa.

5.3.1.2 Aproximação com o campo do esporte

As falas se alinham à lógica técnico-científica da gestão esportiva moderna ao alinhar planejamento estratégico, modelo tático e processos profissionais no futebol moderno em busca da maximização dos resultados. Diogo Olivier critica o atraso e a indefinição na contratação de Roger, destacando a falta de planejamento estratégico:

Marcelo de Bona: Por que o Inter precisa entrevistar Roger Machado, Diogo?

Diogo Olivier: O Inter está atrapalhado nesse processo, né? Claramente. A gente já pontuou aqui várias vezes. Esse ano é o ano com menos críticas a direção do Inter porque ela entregou muitos jogadores pro treinador, para o Eduardo Coudet, na questão da enchente o Beira Rio já está em condições novamente. Mas há uma incoerência aí, entre discurso e prática na direção do Inter nessa questão de treinador. O Alessandro Barcellos deu uma entrevista bem transparente sobre os motivos reais da demissão do Eduardo Coudet, falando que ele discutiu com os jogadores, pós enchente e intensidade, não dá mais para cumprir isso, enfim. Ele disse que era necessário fazer aquilo (a demissão), para, nas Copas, reviver a temporada, disputar nas copas. Mas tu precisa de técnico para isso, e a gente está caminhando para não ter técnico. Nem na copa do brasil, que já era, nem na sul americana. Mas o fato que mais me surpreende, daquelas informações que a gente recolhe, do Inter querer o Roger. E aí a gente pega informações que o Inter quer entrevistar o Roger, precisa entrevistar o Roger? Na situação que o Inter está, precisando de um profissional imediatamente? Todo mundo conhece o Roger. Não precisa, e se

existe no conselho de gestão do Inter alguma questão sobre o fato dele ter treinado o Grêmio, sobre ele ter identificação com o Grêmio, acho que isso explica algumas questões do Inter também, né? Isso não pode. No século vinte um, isso não pode mais ser objeto de discussão, né? O Inter deveria estar discutindo contrato, jogadores, se precisa reforços ou não, como vai fazer o planejamento e não perder tempo discutindo se pode ou não pode discutir um técnico que trabalhou no Grêmio depois dos milhões de exemplos que a gente tem. O Inter está meio atrapalhado, é isso. (De Bona; Olivier, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Essa visão se evidencia no uso de um vocabulário técnico, como "intensidade" e "planejamento", na abordagem dos efeitos *estruturais* das ações de um conselho de gestão, na opinião dele, ineficiente. Além disso, questiona a relevância da identificação de Roger com o Grêmio como um critério relevante na escolha do técnico, apontando que essa preocupação não corresponde à lógica *profissional* do futebol moderno. No entanto, o discurso apresenta uma análise mais avaliativa e descritiva, sem apresentar uma visão técnico-científica de maiores detalhes do processo de gestão, mesmo que apresente elementos que remetam à sua lógica. Do mesmo modo, Maurício Saraiva classifica como "sub-medieval" o pensamento de rejeitar um técnico por sua ligação com um clube rival:

É plenamente razoável que um torcedor ou uma torcedora, movido sempre pela paixão da rivalidade, diga: não quero o Roger porque ele é Grêmio. Quem é estadista, no caso que dirige um clube, este pensamento ele não tem direito de ter. Porque esse pensamento para quem gere, ele é sub-medieval. Porque você não pode imaginar que em um mundo profissional onde você está envolvido como gestor, que um treinador vai dar menos ou mais resultados no seu time porque antes ele se identificou com outro no qual ele foi campeão. Porque isso mata: Oswaldo Rolla, que trabalhou nos dois, Ênio Andrade, Tite, Mauro Galvão. Isso é sub-medieval como pensamento de gestão. (Saraiva, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Nessa fala, Maurício defende uma visão moderna e racional no gerenciamento esportivo, diferentemente de uma gestão gerida por um torcedor, que carece dessas características. Mesmo que não aprofunde sua visão com argumentos mais palpáveis sobre a estrutura do clube, ele apresenta as lógicas do campo do esporte pautado pelo futebol moderno de organização empresarial voltada à busca pelo resultado. Cristiano Munari segue essa linha ao questionar a ausência de convicção na escolha de Roger, conectando a crítica a princípios fundamentais da gestão, como coerência e planejamento.

Em outra direção, Guerrinha utiliza uma analogia (“como tu botar um professor numa sala de aula”) para caracterizar o suposto papel dos jogadores na escolha do técnico, da qual discorda:

[I]nternacional, a gente ouve falar aí... Que tem que consultar os jogadores para contratar o técnico. Como que é? Eu não estou entendendo mais nada. É como tu botar um professor numa sala de aula. Tu vai consultar os alunos se eles querem o professor? Não, claro que

não. Tem que achar os 45 pontos, é o que sobrou para o Internacional. (Filho, 2024, transcrição de programa radiofônico)

A fala permanece numa fase mais tradicional do comentário esportivo ao não levar em conta outras características que remetem a processos de gestão que poderiam influenciar o processo e tomar como determinante a ideia de que uma hierarquia bem determinada teria papel mais importante nesse processo.

5.3.1.3 Utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo

As falas são majoritariamente opinativas, porém possuem mais elementos interpretativos do que nos outros programas ao utilizar mais referências ao explorar possíveis impactos das decisões da gestão na performance do clube. Cristiano Munari apresenta elementos do gênero interpretativo pois incorpora uma análise lógica dos acontecimentos - ordem cronológica da demissão de Coudet e a posterior demora na definição do novo técnico - e destaca uma inconsistência no discurso e nas ações da direção, característica que vai além do simples comentário opinativo:

É, o Inter está sem rumo nesse momento e por falta de convicção de quem dirige. Porque o Roger Machado, que é treinador do Juventude e muito elogiado por nós, estava livre no mercado todas as vezes que o Inter trocou de treinador. Quando o Medina veio, quando o Mano veio, e quando o Coudet veio. Então ele não é uma convicção da direção, né? Bom, vamos lá. O Coudet foi demitido na quarta à noite, se esperou o sábado porque tinha jogo contra o Roger e tinha que esperar o jogo. Por que no domingo não foi feito esse acordo? Por que ele viajou para Brasília para comandar o Juventude (na sua próxima partida)? Então será que tem mesmo essa convicção? Tá muito demorado isso. (Munari, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Luciano Potter também oferece uma análise interpretativa ao destacar a incoerência entre a escolha de Roger e a busca por treinadores com ideias diferentes de futebol. O comentarista faz um exercício em que lista os treinadores que o Inter procurou, infere que os treinadores possuem ideias diversas de futebol e conclui a incoerência da direção a partir dessa inferência. Nesse sentido, ele sugere a necessidade de alinhamento estratégico, ideia que passa da opinião para adentrar o campo da análise:

[o] Inter procurou vários treinadores, eu sei que isso é do mercado. O que não é do mercado, é tu procurar vários treinadores com ideias diferentes de futebol. Isso me deixa inquieto. Vamos lá: se o Roger é o plano A, o plano B seria (vou pegar alguns treinadores parecidos com o Roger, que não são ganhadores ainda mas que prometem) o Carpini vê o futebol parecido. (Potter, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Maurício Saraiva deixa o tom puramente opinativo ao incluir referências históricas e argumentos sobre profissionalismo e gestão no futebol. Ele constrói sua crítica com base em uma comparação histórica, o que enriquece sua análise.

5.3.2 JOGO

As opiniões destacam aspectos táticos, técnicos e psicológicos relacionados ao desempenho do Internacional. É debatido o nível do impacto da performance de jogadores-chave na equipe. As críticas apontam para problemas estruturais no modelo de jogo e na avaliação individual.

5.3.2.1 Análise do jogo baseada em dados

Há uma utilização explícita de números e análises para justificar interpretações sobre o desempenho do time. Cristiano Munari faz uma comparação direta entre o índice de duelos ganhos no último jogo (57%) e no jogo anterior a este (46%), reforçando que o time melhorou nesse aspecto:

E (o Inter) desarmou mais, ó? Duelos, isso é número: 57% dos duelos (ganhos) no sábado. No jogo da ida, no Beira Rio, deixa eu pegar aqui o número, foram 46%.
Luciano Potter - Falhou como vem falhando, na bola aérea.
Cristiano Munari - Muito parecido o gol do Juventude sábado com o gol do Atlético Mineiro. Isso é o Roger estudando, né? Ele viu uma coisa que o Atlético fez diferente para aquele jogo e funcionou contra o Inter. Ele foi lá, fez, funcionou e fez o gol assim. (Munari, 2024, transcrição de programa radiofônico)

A comparação do percentual de duelos ganhos entre dois jogos evidencia um esforço para interpretar o desempenho do time a partir de números. Essa análise é utilizada por analistas de desempenho para identificar áreas de melhoria e traçar tendências no comportamento do time. Essa abordagem carrega traços fortes do comentário contemporâneo, que se vale de evidências empíricas para construir análises fundamentadas sobre aspectos específicos da equipe.

5.3.2.2 Aproximação com o campo do esporte:

Nesse programa, as falas demonstram um maior entendimento técnico-científico do jogo, com destaque para análises táticas e comportamentos estratégicos dos treinadores. Diogo Olivier analisa os perfis dos técnicos cogitados pelo Inter, na sua opinião ofensivos, alinhando-os a uma filosofia de jogo mais agressiva e propositiva:

Não, claro que não. Os dois têm uma ideia ofensiva. Os técnicos que foram citados pelo Inter, pelo menos até agora, Jardine, Roger e Fernando Diniz. De maneira diferente, principalmente o Diniz, que é um trabalho autoral, todos eles não são treinadores de ficar esperando, linha baixa, é de jogar no campo adversário, finalizar. Não são times retranqueiros, (pois) jogam com jogadores de características ofensivas. Tem uma lógica aí. (Olivier, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Diogo utiliza de alguns termos que representam preferências táticas para analisar os perfis dos técnicos considerados pelo Inter. Apesar das diferenças entre eles, Olivier os agrupa com base na característica comum de priorizarem sistemas ofensivos. Ele destaca o foco desses treinadores em jogos de alta intensidade no campo adversário, além de adotarem uma proposta de futebol que “gosta da bola”. Ao identificar uma lógica entre os técnicos citados, Diogo Olivier implica que as escolhas do Inter seguem um padrão do futebol moderno de valorização do aspecto físico do jogo. Além disso, a utilização de termos que remetem a avaliações de estratégias de jogo como “linha baixa” que o deixam mais próximo do campo do esporte.

Entretanto, Maurício Saraiva se coloca mais alinhado às fases anteriores do comentário esportivo, ao realizar uma avaliação que conclui a redução do desempenho da equipe a partir da insuficiência individual de jogadores como Enner Valencia e Alan Patrick:

Uma das dificuldades que o Inter vive, há algum tempo, é que ele baseia as suas apostas de sucesso em jogadores que são a antítese do Di María. Eu não estou falando de futuro, nem que esses jogadores sempre serão assim até o final de suas carreiras, eu estou falando do que eles fizeram até agora em suas carreiras. O Di María, independentemente da qualidade como jogador da seleção argentina, ele tem a característica que me serviria como dirigente ou treinador: ele cresce do tamanho que o jogo se apresenta. Ele cresce na final da Copa do Mundo, da Copa América, ele cresce na final da Liga dos Campeões, ele cresce na final da Olimpíada. E o Internacional aposta, centralmente, em dois dos seus jogadores que são inegavelmente talentosos, mas que ao longo da carreira, até hoje - pode ser que amanhã mude - tem imensa dificuldade de acompanhar o tamanho do jogo. Toda vez que o Inter ficou no pé do Valencia e do Alan Patrick (...) o Inter naufragou. Enquanto isso acontecer e se repetir, só vai ter um jeito: ou eles em algum momento dão um salto e passam a ser decisivos como não foram até hoje na carreira, ou o Inter vai ter que trocar de expectativa. (Saraiva, 2024, transcrição de programa radiofônico)

O comentário de Saraiva o distancia da primazia da qual o conceito de jogo coletivo possui no comentário contemporâneo, dando mais peso a avaliações individuais do que avaliações coletivas (táticas ou de desempenho). Em sentido totalmente oposto, Potter ressalta a importância da avaliação coletiva ao criticar diretamente a análise de Saraiva. Em sua argumentação, embora acredite que Valência e Alan Patrick possam melhorar individualmente, o desempenho abaixo dos seus companheiros em campo também merece atenção e afirma ser determinante para o desempenho individual destes jogadores:

[M]aurício, é absolutamente indiscutível que eles podem dar mais, tá? É óbvio que eles podem dar mais, mas os outros nove em volta também podem dar mais. O que eu quero do Alan Patrick? Uma assistência que vira gol por jogo, e ele está dando. E o que eu quero do Enner Valência? Um gol por jogo, e ele deu.

Maurício - Se isso não for suficiente, eles têm que dar outra.

Luciano Potter - Mas eles têm nove companheirinhos em volta, né? Os nove companheirinhos tem que ajudar. O Wesley, parou de jogar, eu sei por que ele parou de jogar: ele não dribla com *linha de quatro*. Não dribla. Quando deram espaço para ele, no contra-ataque, daí ele cresceu. Tem jogador que cria espaço. Aliás, a Espanha da Europa, porque tem jogadores que criam espaço na frente. (Potter; Saraiva, 2024, transcrição de programa radiofônico)

Potter apresenta um entendimento mais próximo às lógicas do campo esportivo ao afirmar que a efetividade individual está condicionada ao coletivo. Aliado à essa noção estrutural do jogo, o uso de termos que remetem à análise tática (como “linha de quatro” e suas implicações no jogo de Wesley) fazem com que essa fala seja alinhada com o comentário contemporâneo ao carregar diferentes lógicas próprias do campo esportivo.

5.3.2.3 Utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo:

Neste programa, é possível notar mais falas do gênero interpretativo que nos anteriores. O uso de dados por Munari para contextualizar a partida e inferir a partir deles a melhora do time do Inter se encaixa perfeitamente no gênero interpretativo, assim como sua conclusão a partir da jogada que Roger ensaiou no estudo das fragilidades da defesa colorada. De forma parecida, Luciano Potter afirma que a contribuição de Alan Patrick e Valência são consideráveis ao apresentar seus números recentes, assim justificando sua opinião que eles estão sendo responsabilizados por um provável problema tático da equipe. Diogo Olivier também se aproxima do gênero interpretativo ao identificar uma lógica na procura de técnicos pelo Inter, o que parece discordar de Luciano Potter. Diogo cita técnicos que foram os elegidos para serem contratados, identifica que possuem estilo de jogo parecido e conclui que há uma lógica de procura de técnicos pela direção do Inter.

Já Maurício Saraiva, que causou o contraponto de Potter, se manteve no gênero opinativo ao não descrever fatos concretos que fundamentassem sua argumentação que os jogadores Allan Patrick e Enner Valência não eram suficientemente decisivos. O comentarista inicia sua avaliação a partir da opinião de que suas performances não são suficientes em momentos decisivos, passo que o mantém distante do gênero interpretativo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Sala de Redação* é um programa de grande prestígio que moldou a estrutura não só dos programas mesa-redonda no rádio esportivo gaúcho, mas também a identidade dos programas jornalísticos da Rádio Gaúcha. De acordo com o acompanhamento histórico feito na parte teórica do trabalho, o *Sala de Redação* acompanhou todas as fases do comentário esportivo, se adaptando conforme o contexto dos meios de comunicação se transformava. Dentro dessas transformações, a composição dos comentários feitos pelos jornalistas também foi modificada ao passo que o campo jornalístico e o campo esportivo evoluíam e se entrelaçavam. De acordo com a proposta de periodização do comentário esportivo de Guimarães e Ferraretto (2016), o *Sala de Redação* foi permeado por todas as fases, mostrando *continuidades* e *rupturas* a partir das mudanças pelas quais foi exposto. Com a vigência do comentário esportivo contemporâneo, a necessidade de explicações mais técnicas ligadas ao campo do esporte é uma das mudanças que têm tido influência no programa atualmente e tem modificado as abordagens dos integrantes do programa.

Nesse sentido, neste trabalho foi proposto a análise das opiniões dos integrantes atuais do *Sala de Redação*, nos três programas após a demissão do técnico colorado Eduardo Coudet, a fim de concluir como a inserção do perfil do comentarista contemporâneo e suas práticas - o que implica a apreensão das ideias e métodos do campo esportivo do *futebol moderno* - pode estar reorganizando os capitais legítimos daquele espaço social, a partir do conceito de campo e suas dinâmicas próprias da teoria de Bourdieu (1996).

No trabalho de Guimarães (2018) se conclui que essas características ainda não eram encontradas a pleno dentro dos comentaristas de Porto Alegre. Sendo assim, se partiu dessa premissa para definir como *dominantes* as práticas de comentário das fases anteriores e por isso dominantes os que as utilizam. Conseqüentemente, tomou-se as características do comentarista contemporâneo como dominadas neste campo, porém o possível fato de sua existência e inserção no programa, como colocado na parte teórica que trata do campo de Bourdieu, pressupõe uma *posição* dentro desse espaço social, mesmo que diminuta. Nesse panorama, entendeu-se as opiniões dadas pelos comentaristas em suas falas como formas simbólicas de *tomadas de posição* no campo, a fim de legitimar seu sentido perante agentes de posições dominantes.

Os resultados da análise apontam para uma *ruptura parcial* com as fases passadas, o que aponta para a presença de algumas rupturas e de algumas continuidades. Para isso, aloquei os comentaristas em perfis distintos, distribuídos entre os mais aproximados com abordagens

tradicionais, mistos ou mais aproximados com o comentário contemporâneo. Foi levado em conta suas opiniões analisadas nos programas escolhidos a partir dos códigos apresentados na metodologia deste trabalho, que são as características dos comentaristas contemporâneos, assim como seu posicionamento perante os colegas de mesa.

Na categoria da gestão, houve presença de características ligadas às fases passadas do comentário esportivo, amparados em opiniões que representavam valores tradicionais para avaliação da estrutura das instituições, como aspectos emocionais, força de liderança e a avaliação das estruturas baseadas nos resultados. Os métodos de narrativa também remontam a fases passadas, como “causos históricos de seu tempo” e o uso de máximas do futebol que são justificadas com experiências pessoais. A ausência de dados objetivos foi bem marcante nesta categoria, tendo em vista que não houve uso de dados em nenhuma opinião analisada. Essas características mais tradicionais foram encontradas principalmente nos comentários de Pedro Ernesto Denardin e Guerrinha.

Dentro dessa categoria, entretanto, as perspectivas são em sua maioria mistas. Maurício Saraiva e Cristiano Munari, quando se falou em questão de ética e planejamento, demonstraram críticas que focaram nos *processos* da gestão, apresentando uma avaliação estrutural mais alinhada com a visão do futebol moderno, a partir da qual questionam práticas mais pragmáticas típicas das gestão mais tradicionais brasileiras e defendem uma maior postura *profissional* do futebol - ainda que o debate seja mais antigo do que o período do surgimento do comentarista contemporâneo, de acordo com Guimarães (2018), e das estruturas do futebol moderno, referido em Silva (2022), como já foi pontuado. Na contramão, Luciano Potter e César Cidade Dias parecem, mesmo que de maneira tímida, defender o pragmatismo na situação que foi posta, se aproximando mais das fases passadas do comentário esportivo por relativizar condutas próprias de um espaço profissionalizado no mundo do futebol, como se essas condutas não tivessem espaço neste meio. Diogo Olivier, tanto aqui como na categoria do jogo, mantém um equilíbrio entre as fases, o que parece ser característica chave no seu perfil de comentarista. Ele realiza um esforço de fazer análises mais amplas com contextualizações, porém sem deixar práticas tradicionais de lado. Em um panorama maior, as opiniões nessa categoria são mais distantes do comentário contemporâneo do que na categoria jogo, pois carecem mais de análises próximas do campo esportivo, não há uso de dados quantitativos e, conseqüentemente, as opiniões são predominantemente do gênero opinativo.

Na categoria jogo, a aproximação com o campo esportivo tem maior presença do que na categoria anterior, e é a característica mais presente do comentarista contemporâneo nas

opiniões dos integrantes. Leonardo Oliveira e Cristiano Munari são os exemplos mais concretos dessa aproximação. Ambos exploram aspectos técnico-científicos e utilizam métricas objetivas nas suas análises. Mesmo que o uso de dados seja esporádico (utilizam apenas uma vez em suas falas sobre jogo, entre os três programas), ambos utilizam termos que remontam a análises táticas e de desempenho típicas do campo esportivo.

Por outro lado, as narrativas e avaliações baseadas em opiniões voltadas ao gênero opinativo ainda têm bastante espaço dentro dos debates, especialmente em comentaristas que são considerados alinhados com as fases anteriores do comentário esportivo, como os já citados Guerrinha e Pedro Ernesto. Ambos mantêm o método de embasamento das opiniões com anedotas e narrativas históricas para referendar seu posicionamento, recorrendo a um capital simbólico baseado na sua experiência pessoal e profissional - que é reverenciada naquele meio. César Cidade Dias segue nessa linha quando prioriza comentários mais voltados à parte lúdica do jogo e às avaliações individuais como fez no prognóstico da partida entre Internacional e Juventude, preterindo o desempenho coletivo às qualidades individuais. Luciano Potter apresenta uma posição mista por utilizar elementos da narrativa tradicional, como Pedro Ernesto e Guerrinha, enquanto demonstra por vezes aproximação com o campo esportivo ao utilizar termos próprios do campo e demonstrar a apreensão de lógicas do futebol moderno, como a prioridade por uma avaliação coletiva do jogo e a busca por coerência nos modelos de jogo adotados pela equipe.

Desta forma, os comentaristas foram separados em tais perfis:

- a) tradicional: Pedro Ernesto Denardin, Guerrinha, César Cidade Dias e Maurício Saraiva;
- b) misto: Diogo Olivier e Luciano Potter;
- c) comentarista contemporâneo: Leonardo Oliveira e Cristiano Munari.

A coexistência entre práticas tradicionais e contemporâneas reflete um campo em transição, no qual, mesmo que as ideais do futebol moderno típicas do comentário contemporâneo tenham espaço, as práticas características das fases anteriores representam resistência. Dentro da lógica de campo de Bourdieu, é possível interpretar essa dinâmica como resultado de uma concorrência solidária (Saint Martin, 2023, p.5) entre os agentes do campo. A coexistência dos perfis mais extremos do fazer comentário esportivo parece ser mediada por aqueles que se encontram ambíguos entre estas posições e se colocam numa posição de intermediários, como Diogo Olivier e Luciano Potter. Sua posição no campo parece mediar uma possível transição, assegurando a manutenção de algumas estruturas - principalmente a

distância do uso de dados e a predominância do gênero opinativo - mas a transformação de outras - exemplificada na maior proximidade com as lógicas do campo científico do esporte. É importante notar que a existência dessa posição também deve ser entendida como tomada de posição, em que os agentes que as tomam se valem dos dois perfis extremos a fim de legitimar sua posição como portadores do *equilíbrio*.

Nesse sentido, o espaço social do Sala de Redação apresenta um contexto de *concorrência solidária* entre os agentes que ali se encontram, representada pela coexistência entre os diferentes perfis que mobilizam diferentes lógicas em um contexto onde os dominantes representam uma resistência pouco agressiva às novas práticas. Portanto, é possível ver *rupturas e continuidades* no programa. É importante ressaltar, novamente, que não era esperada uma ruptura total com as práticas tradicionais, tendo em vista que elas regem o programa e por isso a entrada de um perfil “revolucionário” seria ilusória. Da mesma forma, é importante notar que o Sala de Redação é em si um ambiente “controlado”, onde há seleção de quem entra e sai, das pautas colocadas à mesa e, portanto, a alocação mais ou menos controlada dos capitais que são ali dispostos, o que corrobora e justifica que a concorrência ali mantida seja menos agressiva do que em outros ambientes menos controlados.

Dito isso, pelo que foi analisado, a posição de dominação de práticas das fases do comentário esportivo tradicional ainda permanece vigente, representadas pela quase inexistência de uso de dados e pelo maior uso do gênero opinativo. Entretanto, a aproximação considerável de alguns integrantes, alguns mais, como Leonardo Oliveira e Cristiano Munari, e outros menos, como Diogo Olivier e Luciano Potter, aponta para uma *ruptura parcial* com a avaliação de futebol das fases anteriores de comentário esportivo e a conquista de uma *posição* no programa. Sendo assim, é possível afirmar que houve uma reorganização dos *espaços possíveis* do Sala de Redação a partir da inserção e tomadas de posição pelos integrantes de perfil contemporâneo, e conseqüente valorização do *capital cultural* ligado ao campo científico do esporte.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marina Oliveira de. Do amadorismo à profissionalização: de 1930 até hoje. *Ludopédio*, São Paulo, v. 42, n. 8, 2012.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo interpretativo*. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1994.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.
- CECCONI, Eduardo. *Análise tática de futebol no jornalismo esportivo*. [s.l.]: [s.e], 2013. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/157490286/Analise-tatica-de-futebol-no-jornalismo-esportivo>>.
- CREPALDI, Daniel Damasceno. *A participação da Rádio Nacional na difusão do futebol no Brasil nas décadas de 1930 e 40*. 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- DALPIAZ, J. G. *O futebol no rádio de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 192 p., 2002.
- DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DUARTE, Filipe. Da genialidade de Cândido Norberto ao surgimento de Paulo Sant'Ana: a origem do "Sala de Redação". *GZH*, 2021. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2021/06/da-genialidade-de-candido-norberto-ao-surgimento-de-paulo-sant-ana-a-origem-do-sala-de-redacao-ckpr0yhdf003u018maad32bul.html>>. Acesso em: 21 de novembro de 2024.
- ESCHER, Thiago Aragão; REIS, Heloisa Helena Baldy Dos. Os supostos espaços de discussão futebolística na televisão: as “mesas redondas”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 197–216, 2012.
- FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20*. Canoas: Editora da Ulbra, 2007.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. In: Encontro da Compós, 19, 2010, Rio de Janeiro. *Anais... Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2010*. CD-ROM.

GARGANTA, Júlio. *Modelação táctica do jogo de futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Porto: Universidade do Porto, 1997.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro; FERRARETTO, Luiz Artur. O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma proposta de periodização histórica. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016, São Paulo. *Anais... São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. *O comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre: uma análise das novas práticas profissionais na fase de convergência*.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018, 197 p.

GZH. AO VIVO: Sala de Redação | 11/07/2024. “YouTube”, 11 de julho de 2024. 01:59:10. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ooHXgobjHw4> . Acesso em: 16/12/2024

GZH. AO VIVO: Sala de Redação | 12/07/2024. “YouTube”, 12 de julho de 2024. 01:59:56. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=16Z6ePpaovs&t=1458s> . Acesso em: 16/12/2024

GZH. AO VIVO: Sala de Redação | 11/07/2024. “YouTube”, 11 de julho de 2024. 01:58:35. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gQ7BcKsqoi8&t=2686s>. Acesso em: 16/12/2024

HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KHALIL, Lucas Martins Gama. Mesas-redondas sobre futebol na televisão: uma análise do ethos discursivo. *Linguagem em (Dis)curso*, [s. l.], v. 23, p. e-1982-4017-23-07, 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

- MASSARANI, Diano Albernaz. Variações sobre o mesmo tema: representações concorrenciais sobre Garrinha na “história do rádio”. *Alamedas*, [s. l.], v. 6, n. 1, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/17112>. Acesso em: 3 out. 2024.
- MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; SILVA, Sílvia Ricardo Da. Do amadorismo profissional ao profissionalismo amador: os discursos da imprensa sobre a profissionalização do futebol na cidade de Belo Horizonte. *FuLiA / UFMG*, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 26–47, 2021.
- MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; HELAL, Ronaldo. Futebol, Imprensa e Representações: as nuances narrativas da mídia nacional sobre os técnicos da seleção brasileira nas Copas do Mundo. 2015, Rio de Janeiro. *XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Congresso 2015*.
- NOBRE, Daniel Praciano. *A Influência do populismo na rádio durante o Estado Novo*. 2003
- PRONI, Marcelo Weishaupt. *A metamorfose do futebol*. Campinas: UNICAMP, 2000.
- ROSA, Harmut. Contra a invisibilização de um “poder fatídico”: apelo à renovação da crítica do capitalismo. *Perspectivas*, São Paulo, v. 49, p. 17 – 36, jan/jun 2017.
- SAINT MARTIN, Monique de. A noção de campo em Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de Sociologia - RBS*, [S. l.], v. 10, n. 26, 2023. DOI: 10.20336/rbs.910. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/rbs/article/view/910>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- SILVA, João Túbero Gomes da. *Futebol moderno em campo: as mudanças sociais do futebol e seus efeitos na contemporaneidade*; 2022; Dissertação (Mestrado em Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências e Letras UNESP Araraquara, 124 p., 2022.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 2003.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 348 p., 2000.
- WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.